



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA  
CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS  
BACHARELADO EM ARTES VISUAIS**

**FERNANDA DA SILVA FERREIRA**

**CARTA-GRAFIAS DE SI:  
CONFLUÊNCIAS ENTRE CORPO E IMAGENS DE SI NO PROCESSO  
CRIATIVO**

Cachoeira  
2021

**FERNANDA DA SILVA FERREIRA**

**CARTA-GRÁFIAS DE SI:  
CONFLUÊNCIAS ENTRE CORPO E IMAGENS DE SI NO PROCESSO  
CRIATIVO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao colegiado do bacharelado em Artes Visuais da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito para a obtenção do título de bacharel em Artes Visuais.

Orientação: Prof. Dr<sup>o</sup> Antônio Carlos de Almeida Portela

Cachoeira  
2021

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL -  
BIBLIOTECA CENTRAL DA UFRB****1 Identificação do tipo de documento**

Tese [ ] Dissertação [ ] Monografia [ ] Trabalho de Conclusão de Curso [x] Memorial [ ] Outros [ ]

**2 Identificação do autor e do documento**Nome completo: Fernanda da Silva FerreiraCPF: 06248867518Nº de Matrícula do Curso: 201611674 Telefone: 075983684366e-mail: fasteracea@gmail.comCurso de Pós-Graduação/Graduação/Especialização: Bacharelado em Artes Visuais**2.1 Título do documento:**carta-grafias de si: confluências entre corpo e imagens de si no processo criativoData da defesa: 28 de maio de 2021**3 Autorização para publicação na Biblioteca Digital da UFRB**

Autorizo com base no disposto na Lei Federal nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973, de 2 de dezembro de 2004, a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) disponibilizar gratuitamente sem ressarcimento dos direitos autorais, o documento supracitado, de minha autoria, na Biblioteca da UFRB para fins de leitura e/ou impressão pela Internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Texto completo [x] Texto parcial [ ]

Em caso de autorização parcial, especifique a (s) parte(s) do texto que deverão ser disponibilizadas:

**3. Local Data Assinatura do (a) autor (a) ou seu representante legal**Fernanda S. F.**4 Restrições de acesso ao documento**

Documento confidencial?

[x] Não

[ ] Sim Justifique: \_\_\_\_\_

4.1 Informe a data a partir da qual poderá ser disponibilizado na Biblioteca Digital da UFRB:

\_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ [x] Sem previsão

Assinatura do Orientador: \_\_\_\_\_ (Opcional)

Assinatura do Autor: Fernanda S. F. (Obrigatório)

O documento está sujeito ao registro de patente? Não [ ] Sim [x]

O documento pode vir a ser publicado como livro? Sim [ ] Não [x]

Conforme Resolução 003/2018 do CONAC, Após a apresentação e aprovação do trabalho, o aluno deverá encaminhar duas cópias do trabalho final em mídia digital (em formato pdf) devidamente assinada pela Banca e pelo Orientador para registro no Colegiado do Curso e 1 (uma) mídia para ser encaminhada para a Biblioteca onde o curso funciona acompanhada do termo de autorização para publicação.

**FERNANDA DA SILVA FERREIRA**

**CARTA-GRÁFIAS DE SI:**

**CONFLUÊNCIAS ENTRE CORPO E IMAGENS DE SI NO PROCESSO CRIATIVO**

Memorial apresentado como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Artes Visuais,  
Centro de Artes, Letras e Humanidades, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Cachoeira, 28 de maio de 2021.

Banca examinadora


Antônio Carlos de Almeida Portela - Orientador



Doutor em Artes Visuais, na linha de pesquisa de Processos Criativos, pela Escola  
de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia.

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Priscila Miraz de Freitas Grecco



Doutora em História pela Universidade Estadual Paulista/ Assis.

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Ana Maria da Silva Fraga



Mestre em Artes Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, na  
Universidade Federal da Bahia.



Agradeço as mulheres que me deram forças  
para que eu chegasse até aqui.

*guardar o fio da lembrança,  
por nas linhas memórias.*

*palavra é estado de encontro.*

## RESUMO

'Carta-grafias de si' intitula o memorial do processo artístico desenvolvido desde 2017, que expressa um trajeto conceitual e estético associado ao conceito de espelhamento de si, conceito este instaurado pela cartografia de memórias e experiências corporais e pela apropriação das linguagens do desenho e da escrita. Como desdobramentos poéticos do trajeto criativo, o texto discorre sobre o *Tumblr tecendo cartografias corporais* e o livro-objeto-digital *carta-grafias de si*. Mas, o projeto ora guiado pelo questionamento 'que corpo é esse?' é um processo criativo em aberto, por isso passível a novos movimentos e respostas, a novos devires.

Palavras-chave: Processos criativos. Artes Visuais. Desenho. Corpo. Escritas de Si.

## ABSTRACT

'Carta-grafias de si' (*letter-graphies of itself*) titles the memorial of an artistic process developed since 2017, which expresses a conceptual and aesthetic trajectory associated with the concept of mirroring oneself, a concept established by the cartography of memories and bodily experiences and by the appropriation of the languages of drawing and writing. As poetic developments of the creative path, the text discusses the works *Tumblr by weaving body cartographies* and the *book-object-digital letter-graphies of itself*. But, the project now guided by the question 'what body is this?' is an open creative process, therefore open to new movements and responses, to new becoming.

Keywords: Creative processes. Visual arts. Design. Body. Self writings.



## SUMÁRIO

<b>1. ADENTRAR A PELE</b> .....	08
<b>2. CARTOGRAFANDO RAÍZES: PROCESSOS CRIATIVOS DE UM CORPO-CARTOGRÁFICO À DERIVA</b> .....	19
<b>3. TRAÇAR A MEMÓRIA DE UM CORPO-CHÃO</b> .....	24
3.1 PORTA DE ENTRADA .....	24
3.2 MAPA-CHÃO .....	29
<b>4. ALARGAR O CORPO-RAÍZ</b> .....	42
4.1 TECENDO CARTA-GRAFIAS CORPORAIS .....	42
<b>4.1.1 Dar nomes às imagens palavras</b> .....	49
4.2 O LIVRO DE ARTISTA .....	64
<b>4.2.1 carta-grafias de si</b> .....	71
<b>5. ATERRANDO AS IMAGENS-PALAVRAS</b> .....	76
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	79

## 1 ADENTRAR A PELE

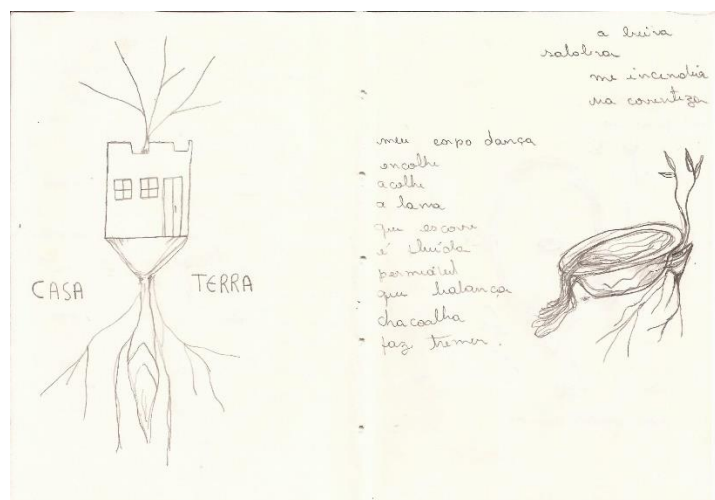
“Se não há coragem, que não se entre.”  
(Clarice Lispector, 1999)

Que corpo é esse que você habita? Quais memórias te dizem sobre você? Que espaços falam sobre teu corpo?

Corpo me lembra casa e casa me faz lembrar do chão. Chão esse que é o espaço onde a casa se instala. Os pisos da casa são as superfícies por onde tateamos. Ao pensar o desdobramento de corpo-casa, também penso em raízes, elas se estabelecem diretamente com esse chão, se ramificando e interagindo com ele. Considerando a casa não como um espaço fixo, e sim, como algo móvel, que tivesse pernas, caminhasse e por isso, precisasse dessas raízes tanto para caminhar como para se fixar.

A fala acima cogita na minha mente a memória do filme *Hauru no ugoku shiro*<sup>1</sup> de *Hayao Miyazaki*, onde nele há um castelo andante com máquinas formando as pernas; imagino minha casa como esse castelo, só que ao invés de máquinas, as pernas são formadas por raízes.

**Figura 1** - Sem título, 2019. Grafite s/ página de sketchbook.



Fonte: acervo do autor.

<sup>1</sup> <[www.youtube.com/watch?v=iwROgK94zcM](http://www.youtube.com/watch?v=iwROgK94zcM)>

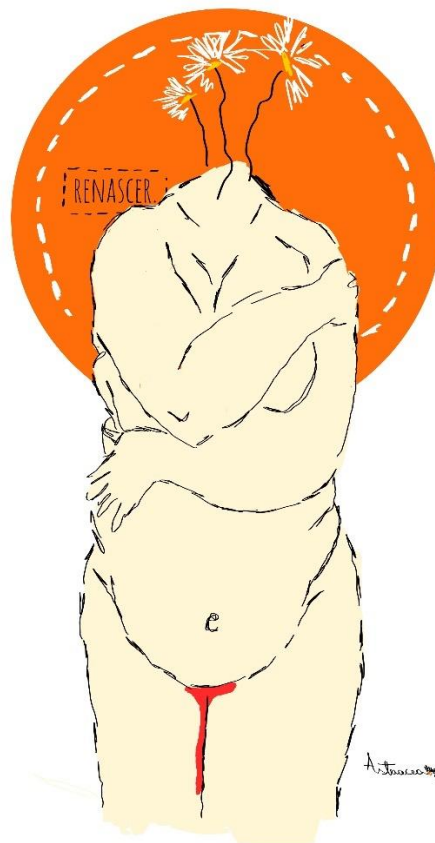
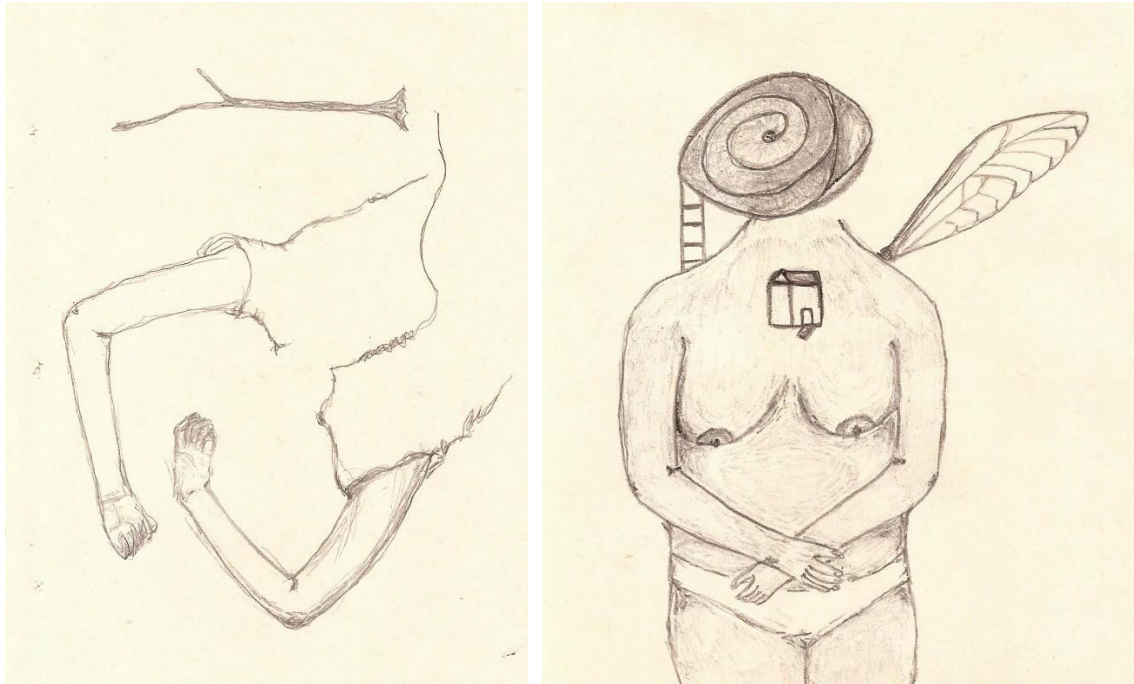
Voltando à imagem de corpo-casa, penso na palavra lar. Reflito sobre espaço e tudo que pode haver dentro; também me indago sobre quais são os espaços do corpo. Quais espaços são esses? Uma casa é formada por vários cômodos, que habita algo, lar é todo lugar que te faz sentir-se abrigado, sentir que faz parte. Então, se pensarmos o corpo como casa/lar, podemos nos perguntar se esse corpo que vivemos causa a sensação de pertencimento e se não faz, quais são as inquietações que não nos deixam sentir abrigados tanto dentro do nosso corpo, como nos lugares em que transitamos?

Neste texto-memorial atiro palavras e registro detalhes do meu caminho artístico e acadêmico. São reflexões oriundas do fazer artístico, por isso tem como fio condutor a investigação em artes, ou seja, uma pesquisa pautada na prática pessoal, em que, o objeto de estudo e o método de investigação nasceram do devir do processo criativo. Ele é pautado na observação das subjetividades encontradas na minha produção imagética desde 2017. Desta forma, ao decorrer do texto-memorial que segue, transito pelas questões do corpo e imagens de si, criando raízes com a produção criativa e como a mesma afeta meu corpo cotidianamente. Sendo assim, a proposta artística a ser abordada aqui não corresponde a um resultado encerrado, mas sim, às reverberações de um caminhar artístico cheio de ramificações e aberto às constantes mudanças.

Na criação, sempre estive atravessada por algumas palavras e imagens, onde esse movimento imagético-textual criou suas próprias narrativas atreladas a elementos que se repetiam e que me faziam retomar a ideia de corpo, casa, memória e imagens de si. Percebendo no desenho a recorrência dessas formas, passei a ilustrar como um gesto compulsivo, corpos femininos nus e sem cabeça, havendo sempre a necessidade de retirá-la ou substituir por outro símbolo. Ao voltar nesses desenhos, me pergunto o que queria esconder ou o que causava essa inexistência.

Desta maneira, relaciono a presença desses corpos femininos, ao modo que meu imaginário busca para exprimir algo, criar sua própria representação. Como se o corpo à mostra fosse um "eu" em exibição, uma apresentação de um estado da minha própria imagem em constante estado de construção. A criação nesse caso, surge como uma forma cotidiana de me ressignificar.

**Figuras 2 e 3** - Sem título, 2019. Grafite s/ página de sketchbook.  
**Figura 4** - Renascer, 2017. Ilustração Digital, dimensões variadas.



Fonte: acervo do autor.

A partir desses desenhos, destrincho a palavra corpo e atribuo conceitos por meio da minha produção visual, entendendo que, cada sujeito tem um corpo e esse se materializa e se expande através de suas próprias vivências e experiências. Encontramos várias definições para a palavra corpo - algo denso, matéria orgânica ou inorgânica que ocupa um espaço, corpo humano, entre outros. O corpo é, em si, o material significante, se materializando de diversas formas, como através de linhas, raízes, casas e palavras, estes, que se conectam e são invadidos uns pelos outros, criando novos sentidos dentro do meu processo imaginativo.

Ao longo dos anos, percebia-me tentando aderir um único jeito de ser, uma única identidade, como fosse algo estático, uma personalidade que me faria encaixar ou desencaixar dos lugares por onde transitava, de forma que ao relacionar a ausência-presença de certos traços poderia me restringir, fazendo com que nunca coubesse nos lugares. Compreendi naquele período grupos sociais como unidades estáveis.

Então, repetidamente houve a tentativa de criar uma personalidade partindo da ideia de 'eu', como algo único e imutável. Ter essas percepções levaram-me a me colocar dentro de uma caixa, seguindo padrões de quem deveria ser e como deveria me comportar, o que acabou gerando inquietações e perguntas sobre esse 'eu' e o meu corpo, onde, com o tempo, fui entendendo que a identidade não se formava a partir de uma constante fixa e única, isso era paralelo ao tempo e aos lugares que frequentava. Assim, ao invés de refletir o conceito do 'eu', comecei a pensar em 'eus' que se constroem diante das nossas memórias e ao movimento que o corpo vai estabelecendo com o outro e com os espaços-tempo, suscitando a ideia de uma identidade metamorfa, mutável.

Um corpo-planta com suas raízes, no qual as ramificações estão sempre em movimento, sendo constituídas e transformadas à medida que vamos vivenciando e experimentando os espaços-afetivos, conteúdos que transitam entre materiais palpáveis, como órgãos, pele, tecido, pelos e os imateriais, como o espírito, a intuição, o afeto, o pensamento e a memória. Este corpo é visualizado como um signo e pelas suas construções sociais, onde se estabelece várias marcas no sujeito. Os corpos se diferenciam uns dos outros e se modificam constantemente. Um corpo aos seus 60 anos não tem a materialidade e flexibilidade de um corpo aos 18 anos, assim como as experiências e a concepção simbólica deles não são as mesmas.

Esse fragmento de escrita me faz lembrar o trabalho da Louise Bourgeois, recordo-me de passar todo um período desenhando casas para o trabalho casa-abrigo, que foi onde nasceu meu fascínio por casa e pensar como meu corpo se apresenta nos lugares-afetivos. Algum tempo depois, conheci o trabalho *Femme Maison* da Bourgeois, onde a identificação foi tanta, que fiquei imaginando como alguém poderia expressar esteticamente algo tão próximo do que estava pensando, não que eu pense a arte como algo único de cada um, mas essas ressonâncias as vezes causam certo espanto. Souza e Mendes (p.4), diz: “Pintadas ao longo de dois anos, elas mostram a figura da mulher desnuda, com o rosto coberto por uma casa, como se ela mesma não enxergasse que está exposta.” Ao ver as imagens das pinturas, me transporto rapidamente ao meu fazer artístico durante o período de 2018 a 2020.

**Figura 5 - Louise Bourgeois. *Femme Maison*, 1984. Fotogravura, 25.6 x 11.2 cm.**

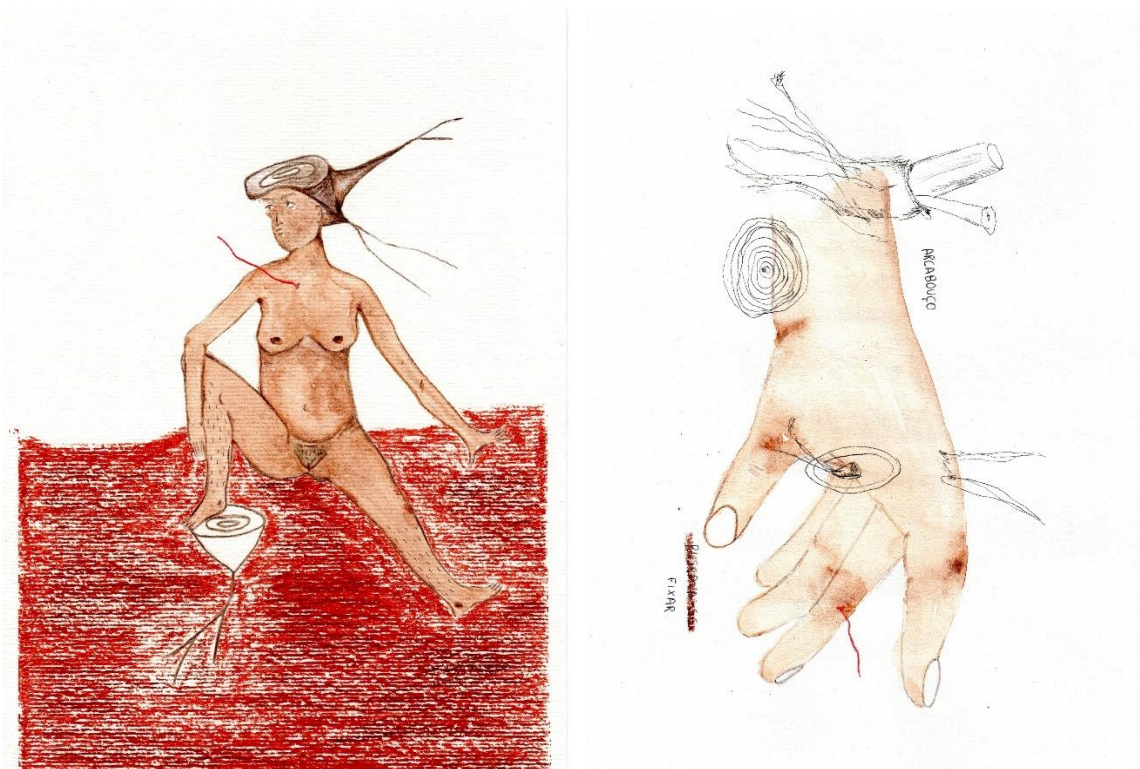


Fonte: <<https://www.moma.org/artists/710?locale=pt>>

Portanto, pensar as relações afetivas que meu corpo vem experienciando desde a infância, principalmente nos lugares de casa me inquietava, em especial como eram construídas as narrativas e identidades de mulheres nesses espaços. Percebi que tinha várias lacunas na relação corpo x memória x espaço que me faziam questionar como me relacionar com os ambientes por onde transitava sem ser negligenciada. Cotidianamente, acabava presenciando agressões sofridas por mulheres, desde suas relações afetivas, até como essas mulheres construíram suas relações íntimas com seu próprio corpo. Havia uma busca em criar raízes nos espaços que não me cabiam, principalmente por ir em subversão com a estética padrão construída do que deve ser o corpo feminino e como deveria me comportar. Diante disso, fui ressignificando essas memórias através do meu processo de criação, indagações que me foram atravessadas diariamente e que não cessavam.

Observo que, em grande parte, a minha poética transita pela ressignificação/reconstrução de memórias e a partir disso vou caminhando por outros lugares, sempre me pondo como maior referência para criação.

**Figuras 6 e 7** - Série corpo-raiz, 2019. Desenho e Pintura s/ Papel, dimensões 21 x 29,7 cm.



Fonte: acervo do autor.

No período de elaboração das imagens acima, estava submersa nesse fragmento de escrita: 'o eu, é mero objeto de estudo, ausência-presença, memória. Memória de quem? Do eu ou do outro? Quem é a ficção? A narrativa?'. Assim, vou escrevendo e revelando no próprio texto o que quero transpor em imagem.

Pelo caminho, algumas palavras-chaves foram germinando: corpo-chão, casa-abrigo, mapa-chão, corpo-raíz e cartas-grafias. Tenho interesse por essa transformação de palavras, onde, ao juntar duas delas, acabo unindo e gerando um novo significado. Deste modo, no gesto-ação de criar penso um novo mundo através das palavras/imagens que me apropriio, fazendo delas um caminho para outros sentidos. Há nisso uma ressignificação, uma sensibilidade em tecer um mundo imagético que deriva do real ao imaginário, fixando imagens-palavras que não estavam encaixadas em lugar algum.

Assim, vou transitando, criando mapas para esse corpo que é capa- espaço-casco para muitas identidades. Penso no que as palavras e imagens estão traçando, por qual caminho elas me levam e procuram desaguar.

Como mapear esse corpo, as cascas, os espaços e as relações afetivas que se constituem, de modo que tracemos um mapa a fim de entender como eles interferem nas imagens de si?

Em decorrência desses elos, a memória tem um papel fundamental nesse mapa, onde o corpo anda e se deixa mover. Há algum tempo atrás me perguntei sobre marcas, como elas surgem e passei a indagar se elas permanecem através da memória, como elas sempre nos trazem algumas imagens-palavras que se repetem ou desaparecem como se não tivessem existido.

Por onde suas lembranças andam? Ao tentar criar uma ligação com a palavra memória penso em um grande labirinto, onde cada caminho desse labirinto seja acionado perante um disparador, assim, somos transportados para alguns desses caminhos sempre e outros nunca passamos, como se não existissem. Ao pensar nessas passagens, me recordo de uma parte da infância onde passei na casa da minha avó. Casa cheia de afeto, a casa era abrigo naquele tempo e hoje é só memória. Essa lembrança da casa passa a ser um lugar que existe somente na experiência daqueles que compartilham essa memória.



**Figura 8** - Álbum de família, 2020. Colagem e ilustração digital, dimensões Variadas.



Fonte: acervo do autor.

A partir das reflexões sobre memória e corpo atravessadas em meu processo criativo, mergulhei na frase 'não é mais abrigo', a transformando em uma assemblagem elaborada para a matéria de Técnicas e Processos Artísticos III (Gravura) em 2019. Resignificando de forma sensível, buscando criar um caminho para conceber um lugar simbólico entre o 'eu' e a memória, onde estes tecessem um novo espaço de lembranças e imagens de si.

Para traçar este texto-memorial pretendo adotar outros nomes, onde, a partir dessas novas nomenclaturas, trilho um gesto-ação, uma dinâmica com meu trajeto criativo. Propõe-se a elaboração de um mapa-chão em que meu corpo e produção é

todo o traço, linha e palavras de um devir, que chegarão a vários lugares, pontos e referências.

**Figura 9** - Não é mais abrigo, 2019. Assemblagem, dimensões 59 x 42 cm.



Fonte: acervo do autor.

Assim, venho tecendo algumas imagens-palavras em minha poética, como: corpo-raiz, casa-abrigo, carta-grafias. Corpo-raiz são corpos/raízes que buscam se fixar enquanto sujeitos, bem como, ser um corpo de continuidades, não entendendo o fixar como um corpo imóvel, e sim, uma raiz andante que se alastra pela terra em suas ramificações, havendo a necessidade de se entender enquanto identidades e as imagens de si que são afetadas cotidianamente por memórias e marcas.

Casa-abrigo são espaços tanto físicos como afetivos onde nos abrigamos e reafirmamos, como também, espaços em que não nos encontramos, permanecendo

ausentes, mesmo quando presentes. Carta-grafias são formas de ir ao encontro, é a maneira que o corpo experimenta dizer através das imagens-palavras suas inquietações/pensamentos.

Essas palavras-imagens sempre retomam a minha cabeça como algo incompleto, onde quanto mais eu crio, mas me falta caminho até elas, se tornando uma busca assídua de encontrá-las. Há uma necessidade grande de pôr para fora as imagens que saem quase como um vômito, regurgitando tudo aquilo que não cabe dentro. E é assim, como uma vontade incontrollável, e quando vejo já estou com as mãos sobre um lápis, por onde saem ora palavras, ora imagens. Todas elas são soluções para dar nomes e sentidos às sensações que 'não cabem dentro'.

Não caber dentro é algo muito resistente, quase como um chiclete que você estica, estica e ele continua se alargando. Transpor em imagens, escrever, desenhar, escrever, desenhar, até que se dê contorno e consistência. Mas, onde não se cabe? Que corpo é esse que não se enquadra?

Diante todas as inquietações que me movem, constituí ligações em minha produção, analisando todos os pontos recorrentes, entrelaçando diálogos com alguns teóricos e apresentando imagetivamente/conceitualmente as implicações entre arte-vida e como essa relação repercute no processo criativo.

Deste modo, me observo não seguindo um método pré-estabelecido que gere um resultado. Mas, a partir do movimento de pesquisa e criação, vou traçando rotas e amarrando os fios. O trajeto é uma experimentação sempre levando a outras. Coloco-me como meu próprio objeto de pesquisa, em que meu corpo passa a ser o mapa e o devir. Não há exatidões, por vezes o que perdura são inconstâncias. Não há uma reta, mas formas de ficar entre linhas. Desse lugar, a cartografia surge como uma maneira de mapear-representar-compreender essas subjetividades que meu corpo vai traçando, percorrendo esse mapa-chão e atravessamentos artísticos. O mapa é ressignificado a cada encontro e partida, apontando as texturas, formas, linhas e palavras que me acompanham.

Assim, a pesquisa *carta-grafias de si: confluências entre corpo e imagens de si no processo criativo*, pauta-se inicialmente na experimentação criativa e diálogos sobre o objeto e tema de estudo, como também na leitura de referências teóricas. Da

mesma maneira, em todo momento houve o uso de um diário de bordo intitulado mapa-chão para cartografar todo o rumo que a pesquisa vinha tomando, através de escritos, desenhos, anotações. As escolhas que determinaram a organização deste texto-memorial, assim como os nomes dados às seções, partem da ideia de ter a criação não somente através das imagens-objetos-obras, mas pensar também a escrita como movimento cartográfico e imagético.

Ao decorrer deste memorial organizado em cinco capítulos, nomeio o capítulo um *adentrar a pele*, apresentando a pesquisa e os conceitos principais que desdobram o processo criativo e teórico.

O segundo capítulo intitulado *cartografando raízes: processos criativos de um corpo-cartográfico em deriva* apresento concepções sobre cartografia e como vou utilizando esse método em meu processo, abordando conceitos e pensamentos de algumas autoras, analisando referências que tratam de forma objetiva e subjetiva e como estas se vinculam ao sujeito e às criações imagéticas.

Denominado *traçar a memória de um corpo-chão*, o terceiro capítulo está dividido em duas seções, a primeira seção *porta de entrada*, onde investigo o movimento poético e técnico da artista, como se iniciou esse trajeto artístico e suas escolhas entre materiais e linguagens. A segunda seção *mapa-chão* analisa criticamente as ressignificações e signos tecidos ao longo do meu percurso criativo nos últimos quatro anos, com o intuito de compreender as mudanças ocasionadas em sua produção, apresentando conceitos-chaves dentro do seu processo.

Nominado *alargar o corpo-raíz*, a o quarto capítulo se subdivide em dois fragmentos, em que na primeira seção *tecendo carta-grafias corporais*, busco apresentar a ideia do *Tumblr tecendo carta-grafias de si*, seus desdobramentos e experimentações; no subtópico *dar nome as imagens-palavras* apresento pequenos textos e reflexões que permearam meus pensamentos durante o período de pandemia da covid-19. Na segunda parte, pretendo expor conceitos sobre livro de artista; e no subtópico *carta-grafias de si*, ilustro as singularidades e subjetividades que são tramadas ao longo desses quatro anos através do livro-objeto-digital.

E por fim, o último capítulo *aterrando as imagens-palavras* finalizo com as considerações finais sobre a pesquisa e o caminho poético.

## 2 CARTOGRAFANDO RAÍZES: PROCESSOS CRIATIVOS DE UM CORPO-CARTOGRÁFICO EM DERIVA

No decorrer do meu fazer artístico, fui percebendo que a cada movimento, meu corpo necessitava encontrar novas formas de criar e repensar meu processo criativo. Não tratando-se somente da criação de uma obra de arte, mas, compreender o trajeto como parte desta, assim, a gestualidade, o inacabado, a própria deriva do corpo enquanto objeto artístico.

O caminho é constituído de encontros. Esse trilhar-artístico dá corpo às formas que o sujeito encontra para existir e se ressignificar. Desvencilhando de um final e fórmulas prontas, o corpo flui como água corrente, ditando seus métodos, mas, se propondo a repensá-lo de acordo com suas inquietações e desejos. A ação de deixar que suas raízes façam encontros diante o processo criativo, gera limites, vias e encruzilhadas. O corpo passa a ser o mapa.

Com base nesse pensamento, percebo-me ressoando as reflexões sobre cartografia que a Suely Rolnik nos apresenta, como:

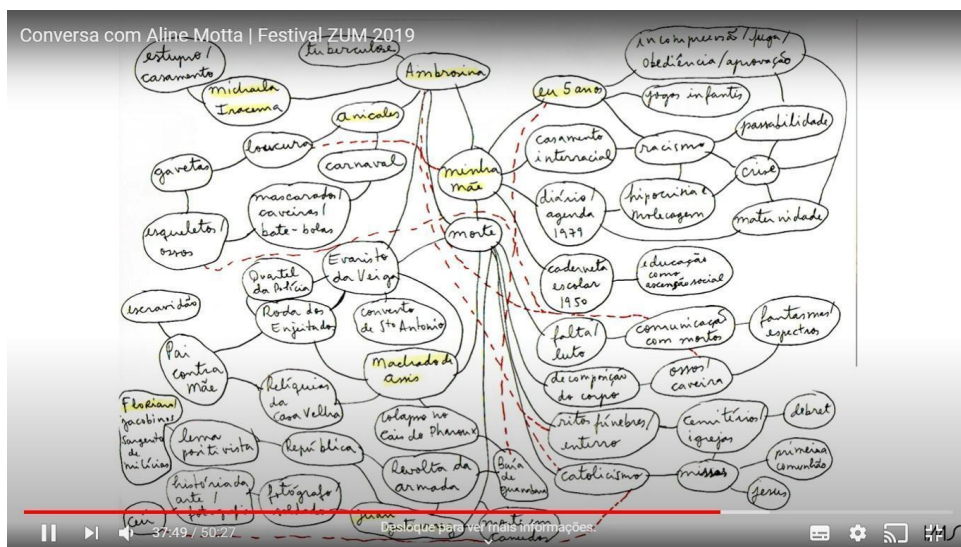
Para os geógrafos, a cartografia - diferentemente do mapa: representação de um todo estático - é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem. [...] nesse caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos - sua perda de sentido - e a formação de outros [...] dele se espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecerem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias. (ROLNIK, 1989, p. 23)

Ponderando a cartografia como uma metodologia de pesquisa, acredito que estou criando meus próprios métodos ao invés de seguir métodos pré-estabelecidos. A cartografia não é uma fórmula fechada, mas sim, uma maneira de traçar nosso próprio caminho e movimento, onde os autores nos dão sugestões e a partir do nosso processo, vamos criando e experimentando o trajeto através do tempo-espço. Um dos delineamentos que minha pesquisa toma como disparador é as imagens-palavras que me surgem através da cinematografia. Filmes e séries são claves operatórias, suas imagens, enredos e conversas reverberam internamente por dias, trazendo para o cotidiano frases e cenas, que acabam tornando-se alguns desenhos ou frases de algum escrito.

Estimulando o gesto-ação de criar, a Sônia Rangel em *trajeto criativo* me provoca em seu método de escrita, criando elos com minha poética e reforçando reflexões sobre memória e processo de criação, ela cita que: "memória e imaginação estão sempre fundidas e configuram uma espécie de "jardim" de onde formas afloram." (RANGEL, 2015 p. 23) Assim como, "a continuidade da obra se faz em redes e fluxos, em devir e rizoma, movimento vegetal que depende de expansão na superfície e em profundezas de raiz." (RANGEL, 2015 p. 27) Resgata-se concepções que fortalecem o movimento e o trabalho artístico, não apontando somente para o resultado e finalização de um trabalho/conceito artístico, mas, o decorrer do caminho em si como parte dessa obra.

Um dos dispositivos que a cartografia me trouxe é esquematizar ideias por meio de mapas-mentais, onde, além de me ajudar a sintetizar conteúdos e imagens, penso como uma proposta estética-visual.

**Figura 10 - Aline Motta.** *Conversa com Aline Motta | Festival ZUM 2019.* Print de frame do vídeo.



Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=VfiYeLClitQ>>.

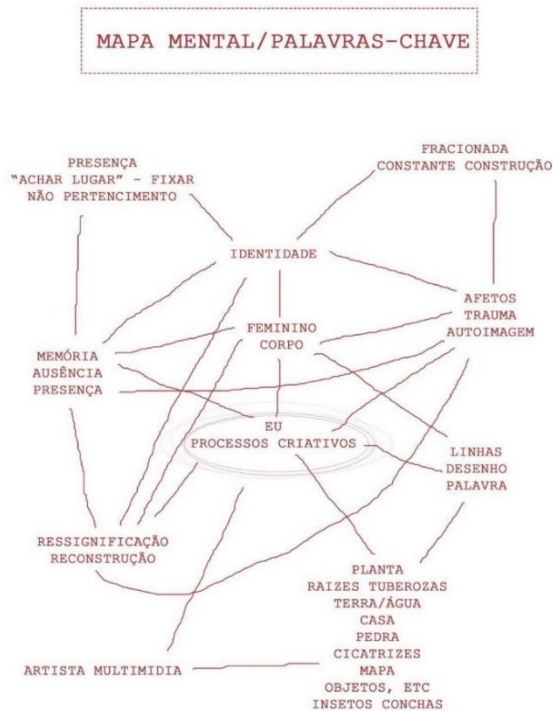
A criação de mapas-mentais e a escrita de textos baba<sup>2</sup> foram fundamentais para compreender quais são as perguntas e palavras-chaves que acompanham meu processo criativo. Investigar através de mapas-conceituais germinou tanto os

<sup>2</sup> <<https://vimeo.com/175939186>>



experimentos com o diário de bordo mapa-chão (2020-2021) e o pensamento das carta-grafias.

**Figura 11** - Mapa-mental, 2018. Ilustração digital, dimensões variadas.  
**Figura 12** - Texto baba, 2018. Escrita Digital.



nomear palavras, significar afetos. o que me move é como a maré que balança o rio, o barco, a canoa, o mar. muitas palavras me escapam, quando penso o que me movimenta, acho que não aprendi a cultivar esses saberes, por muitas, surge inquietações, algumas marcas são agitadas, o corpo treme, é um movimento vem-vai onde não me deixa parar. pego tudo isso e transformo, transformo até passar. ressignifico tantas vezes nem sei por onde começa e nem sei a hora de terminar. é como meu corpo, que por hora atravessa outro embarga. nessas horas, o movimento freia, é denso, não tem palavra que defina, apenas é inquieto. por para fora me ajuda a entender, deixar o campo aberto para a canoa passar pelo rio e atravessar meu corpo, como um corpo-chão. corpo registro de sinais. movimento é o que me afoga, me toca a pele. movimentos são palavras soltas, como correr durante a noite e sentir o vento dentro das minhas narinas. novamente, não sei o que me movimenta até estar em movimento.

Fonte: acervo do autor.

Carta-grafias nada mais é que traçar mapas, territórios, lugares através de experiências do corpo e imagens de si, como disparador para criação de imagens e

palavras. Assim, utilizo-o como método de pesquisa, delineando as texturas, formas e linhas que acompanham os processos criativos de um corpo-cartográfico à deriva.

Perante o sujeito-caminhante a cartografia vai traçando tessituras, tudo no caminho é pesquisa, em que o cartógrafo vai criando mundos, sem saber qual é a próxima paisagem antes de entrar em contato com ela e só assim pode descrever, elaborar rotas e significados-símbolos acerca da própria pesquisa.

Em *sair do Mapa, criar o mapa: uma epistemologia errante*, Sofia Porto Bauchwitz (2020) nos apresenta a ideia de artista errante, que é atravessado por suas marcas e que carrega na cartografia uma maneira de descoberta, sem pré-julgamentos e inconstante, em que, o caminho está ao acaso de tantos outros, onde não há início, meio e fim. O artista está sempre disposto a andar até a borda do mapa conhecido, disposto a cruzar a fronteira e entrar em terreno estrangeiro.

A noção de artista errante entrelaça suas linhas com os trabalhos da série corpo-raíz, projeto que desenvolvo em diversas linguagens desde 2018. Compreendo como corpo-raíz essas expansões e ramificações pelo espaço, onde, a raiz continua alargando, o movimento de constantemente fazer desse sujeito outro – como território afetivo do corpo.

Retomando a minha produção,airo na pergunta: Que corpo é esse? Luciano Costa nos traz: “A cartografia dirá que as nossas questões não vêm simplesmente das nossas cabeças, mas que nós nos questionamos na medida em que estabelecemos relações com aquilo que nos faz questionar.” (COSTA, 2014, p. 73)

No corpo, a pele porosa é a abertura que encontro de tocar a superfície e o outro sem nenhuma resistência. Assim, os poros são respiros, que cotidianamente liga a matéria corporal com a matéria exterior. Por vezes, assim como a pele é preciso fazer limpeza dessas aberturas, perceber as ‘sujeiras’ que os entopem, criando uma camada densa e sólida, que tampa e cria paredes opacas, onde não há como ultrapassar. O corpo precisa estar atento a esse momento, em que, ao se expor, ele deixa de perceber as coisas à sua volta. Cuidar, limpar, é uma forma de deixar essas fendas abertas, permitindo que o corpo-pele toque as camadas exteriores e fronteiriças.



Em percurso, algumas formas tornaram-se recorrentes, algumas das quais eu conseguia deduzir subjetivamente, tomando como base experiências, outras ocupavam um espaço-incógnito. Fayga Ostrower em seu livro *Criatividade e processos de criação* comenta: “a criatividade parece afluir quase que por si e dotar nossa imaginação como um poder de captar de imediato novos e possíveis significados.”, logo adiante ela retoma “o impulso elementar e a força vital para criar provêm de áreas ocultas do ser.” (OSTROWER, 2008, p. 55) Desse jeito, caminhei buscando responder através do meu inconsciente, formando ligações que estavam atadas intimamente ao meu cotidiano, repercutindo do meu imaginário as ressignificações no movimento imagético-textual.

### 3 TRAÇAR A MEMÓRIA DE UM CORPO-CHÃO

feridas rasgam o peito,  
deixando exposta  
a carne crua do ser.  
(Fernanda Ferreira, 2018)

Encontramos na memória registros de um corpo, que vai se desvelando à medida em que ele percorre e experimenta os espaços. Por isso, pretendo abordar neste capítulo, ao qual nomeei de *traçar a memória de um corpo-chão*, as direções em que meu percurso criativo vai se expandindo durante os períodos que antecedem minha entrada no curso de Artes Visuais, até os dias atuais. Exploro, através de elementos/linguagens, concepções que vão delineando por meio desse corpo-chão os movimentos poéticos e técnicos da artista.

Suscitando uma análise crítica e pessoal das ressignificações tecidas ao longo desses anos, para melhor compreensão das mudanças ocasionadas, apresento conceitos-chaves que permeiam este processo.

#### 3.1 PORTA DE ENTRADA

Ao buscar na memória os primeiros contatos que tive com a escrita e o desenho, volto a adolescência em que tecia palavras e poemas sobre folhas de papel, blocos de notas do celular ou computador. Sem muita pretensão de mostrar a alguém ou fazer daquilo algo a mais que palavras que acabaram se perdendo com o tempo, a maioria daquelas poesias, textos-desabafos eram a maneira que encontrava de expressar inquietações e pensamentos que me surgiam cotidianamente.

Quanto aos desenhos, lembro de desenhar 'garatujas' com canetas coloridas e lápis de cor, com as quais presenteava amigos e familiares, através de cartas enormes, onde colava papéis uns sobre os outros, gerando cartas que mediam um metro ou mais de comprimento e enfeitando-as com ceras de velas, palavras, poemas e os tais desenhos. Assim, penso que através desses movimentos germinaram meu interesse pelo desenho-escrita. Logo após esse período, me distanciei do desenho e me interessei pela fotografia, quando amontoava a galeria do celular com fotos-

registros de plantas e coisas anfêmeras que chamavam minha atenção.

Esgueirando-me entre a fotografia e a escrita, o desenho voltou quando estava cursando o Bacharelado em Biologia, na matéria de Histologia, ao desenhar células como forma de referência, após visualização microscópica. A partir dessa necessidade, expandi esse interesse pelo desenho nos momentos em que estagiei em um herbário e ao cursar aulas de ilustração científica.

O desenho, a escrita e a fotografia que se apresentavam apenas como hobby, gerou em mim uma necessidade diária de pensar o meu processo criativo, passando a ter consciência que a criação atravessava meu corpo da mesma maneira que meu corpo atravessava a criação.

Pensar o lugar que meu corpo ocupa sempre foi algo que despertava meu interesse. Questões cotidianas que me permeiam, trazendo inquietações sobre meu corpo-afetos-espaço-tempo que se tornavam motivo para expor esses pensamentos, como nessa poesia que escrevi em 2015:

Ao olhar o relógio  
Ao despertar no amanhecer  
O espaço continua igual  
Cheio, porém vazio  
E as cenas novamente se repetem.  
(Fernanda Ferreira, 2015)

Durante a adolescência/infância sempre tive dificuldade em me comunicar através da fala, então acabava sempre me expressando por meio da escrita e isso foi se naturalizando para mim.

Hoje, ao traçar uma linha do tempo, vejo o quanto esse período perpassa meu processo criativo, onde plantas e raízes sempre estão presentes em meus trabalhos, conceitos e formas que se relacionam com temas da biologia. Observar-se esses signos-imagens-palavras como delineamentos poéticos, tal como na série de desenhos *ecologia-familiar*, ou nesse fragmento de escrita:

De plantar  
De fixar-me  
[..] Pergunto-me onde estou  
Pois, as raízes que me brotaram  
Não me deixam respirar  
(Fernanda Ferreira, 2017)

Quase seis anos após ter saído do curso de Biologia e ter entrado em Artes Visuais, os mesmos elementos ainda são recorrentes. Penso na interdisciplinaridade e nesse corpo híbrido, composto por essa anatomia humana mesclada com essas plantas e insetos.

Trazendo conceitos da série *ecologia-familiar* mesclados em minha produção, penso, o que é ser familiar? Desde a infância a palavra família se insere em nosso vocabulário, quando lembramos de pessoas próximas que criamos laços de afetos, de sangue ou não. A palavra família nos remete a sensação de aconchego, acolhimento ou proximidade. Em dicionários encontramos que família corresponde a pessoas que compartilham intimidade e também dividem a mesma casa; ecologia se caracteriza pelos estudos das relações dos seres.

**Figuras 13 e 14** - Ecologia-Familiar, 2020. Aquarela e lápis de cor s/ papel, dimensões 15 x 20 cm.



Fonte: acervo do autor.

Ao ler *Rumores discretos da subjetividade* (2010), Rosane Preciosa nos apresenta conceitos de "estranho-familiar e estranha-ecologia" que despertaram minha atenção. Por que as duas aderem ao termo estranho na composição? Palavras-

compostas são termos que se complementam, onde uma única palavra não abarca o sentido ali presente e precisamos de uma bengala ou ponto de apoio para dá alicerce. Refletir o estranho me causa um certo rebuliço no estômago, me remetendo ao isolamento. O que significa juntar as palavras ecologia-familiar?

Dessa maneira, vou tramando, entendendo o quão próximo meu corpo se acolhe nessa ecologia/natureza, processando quanto o sujeito e a natureza se conectam, como essas palavras-compostas que equivalem a uma só.

Apoiando-me na percepção de territórios do corpo e nos indícios que a produção vai expondo, trago como referências visuais artistas que em suas composições dialogam com o corpo/natureza. Como a Rosana Paulino em Desenhos da série *Carapaça de proteção* (2003) ou Série de *Insectoplantas* (2016) de Thyana Hacla onde esse humano/vegetal se mesclam em simbologias.

**Figura 15 - Rosana Paulino.** Desenhos da série *Carapaça de proteção*, 2003. Aquarela, acrílica e grafite sobre papel.



Fonte: <<https://www.rosanapaulino.com.br/blog/category/desenho>>

**Figura 16 - Thyana Hacla. Série de Insectoplantas, 2016.**



Fonte: <<https://www.instagram.com/p/CGBpol6JKNE>>

Em vista disso, fui delineando o percurso intuitivamente, mesclando conceitos e formas principalmente em meus desenhos, onde essa referência à ecologia está bastante presente, em consonância com as produções de artistas que acompanho/acompanhava, e que cujas suas poéticas dialogam com o que venho traçando imagetivamente. Conforme se observa nessa colagem digital que fiz durante meus primeiros semestres no curso de Artes Visuais, constata-se que tanto esse trabalho quanto os desenhos têm uma relação direta com o conceito de ecologia.

**Figuras 17 e 18 - Sem título. Colagem digital, dimensões variadas.**



Fonte: acervo do autor.

## 3.2 MAPA-CHÃO

*Eu costumava achar que eu era a pessoa mais estranha do mundo, mas aí eu pensei: tem que ter alguém como eu, que se sinta bizarra e imperfeita, da mesma maneira como eu me sinto.*

*Frida Kahlo*

Introduzo essa seção ao qual nomeio de mapa-chão expondo que o percurso imagético ao qual devo me referir aqui, nada mais é que reflexões oriundas do exercício de criação e que se trata de um caminho contínuo e aberto a novas ramificações, onde assim como processo se reflete nesse corpo-raiz que venho sempre apontando em minhas imagens-palavras.

Antes de tudo, devo falar sobre o elemento linha e como surgiu. Em 2012 fiz uma cirurgia do tornozelo esquerdo e durante a operação acordei atordoada e me perguntando o que estava fazendo ali, sendo uma memória bem persistente nos meus pensamentos e foi entre o segundo e o terceiro semestre da faculdade que compreendi a importância daquela sensação. Assim como naquele procedimento de sutura, percebi que muitos espaços do meu corpo possuíam cortes e eles precisavam ser cicatrizados, gerando essa incessante busca de interpretação sobre o corpo, seus espaços-afetivos, memórias e subjetividade; não que eu nunca tenha observado isso antes, apenas me atentei a essas imagens como perguntas-disparadoras para criação.

Nesse período, entrei em contato com as pinturas de Frida Kahlo e textos que falavam sobre sua vida. Fiquei bastante encantada, já gostava muito de seu trabalho, mas daquele momento em diante surgiu uma grande identificação, onde aos meus olhos, tomei consciência que, assim como a artista, me aproprio da arte para ressignificar a vida, angústias e memórias.

A partir daquele contanto, desenvolvi minha primeira assemblagem que retrata todas as sensações que queria expor há muito tempo e não sabia como dar forma. Através da arte criei um mundo – o meu, que estava tentando se comunicar comigo há bastante tempo e não conseguia escutar; penso que foi perante essa primeira experiência que ganhei consciência das imagens-palavras que repercutem até hoje em minha criação.

**Figura 19** - Autorretrato corpo-sensível, 2017. Assemblagem, dimensões 30 x 40 cm.



Fonte: acervo do autor.

*Autorretrato corpo-sensível* é uma série com três quadros, onde retratei meus problemas de ansiedade e as subjetividades provenientes desse transtorno, em que esse indivíduo sensibilizado se esconde através de prisões invisíveis, negando todas as sensações e sentimentos vivenciados, mas, que ao se observar e perceber-se diante desse corpo-sensível, busca romper essas linhas e amarras.

Lembro-me de uma frase de Frida Kahlo que me marcou bastante, onde ela fala sobre um espelho que sua mãe colocou no seu quarto, obrigando-a se ver todos os dias e o quanto aquilo era doloroso, ao mesmo tempo, em que ela adotou novos sentidos às suas dores para seu autoconhecimento.

E assim, a escrita que sempre está presente em meus cadernos passou a partilhar espaço com os desenhos, onde enfatizo essas duas linguagens como a base de toda minha produção. Todos os meus trabalhos nascem ora de um desenho, ora de uma palavra. Insistentemente, passei a rabiscar corpos femininos nus, tornando-se um procedimento que uso até hoje como método criativo, e que, na maioria dos desenhos, começo pela observação de um corpo e a partir dele vou delineando os elementos de sua composição.

Deste modo, estou frequentemente colecionando imagens corporais, pesquisando em redes sociais e no *Google*, muitas vezes também partindo de fotografias minhas ou observações em frente ao espelho. Mesmo que por vezes parta



de imagens de outras pessoas, acredito sempre tornar os desenhos numa auto representação, o desenho como espelho e metáfora do artista.

Com base nesses esboços, intuitivamente vou deixando minha imaginação mover minhas mãos e o lápis pela folha, ideando composições que geralmente se dão por componentes vegetais, linhas, pedras e casas; ilustrações que se configuram em traços e pinturas figurativas, onde brinco com o onírico, a poesia, ao transportar os elementos dos lugares-espacos que vejo/guardo na memória para outros novos que estou recriando/ressignificando.

Creio que essa ligação com vegetais e raízes a corresponde a admiração que tenho aos meus pais e seus cuidados com as plantas cultivadas no quintal de casa, como também, do meu período trabalhando no herbário, onde adquiri essa relação-afetiva, e assim vou percebendo o quanto esse cotidiano vai se transformado em arte. É como atravessar esse mundo visível para a criação de outros, que vão surgindo na imaginação.

Em vista disso, há o hábito do caderno de bordo como exercício fundamental no fortalecimento da escrita e do desenho, onde, talvez seja isso que faz com que utilize essas linguagens constantemente. Estou a todo tempo caminhando com esses cadernos, rabiscando-os durante aulas, esperas, idas no ônibus, ao assistir algo, ao sentar na orla de Cachoeira/São Félix nos fins de tarde e que “você vê o que está a sua frente e desenha o que vê.” (EDWARDS, 2003, p. 34)

A partir das informações visuais que vão se compondo no meu ‘vocabulário de imagens’ diariamente, seja através de memórias, vivências, desassossegos, percebo o quanto o desenho está imbricado com a minha maneira de ver. Essas imagens que vão sendo geradas se materializam primeiramente no pensamento, onde esses desenhos do inconsciente/memória vão se formando e que vou revelando, expondo, trazendo consciência para o processo. Por meio da criação de ilustrações, sou impulsionada ao exercício de espelhamento de si e do outro, “em que o espectador verá você e você mais saberá acerca de si mesmo.” (EDWARDS, 2003, p. 47)

Desse modo, o risco que primeiramente nasce da linha vai ganhando outras formas. Recorro ao uso da aquarela em pinturas, gosto de ver as camadas de cores se mesclando, suas transparências, assim como sua fluidez ao mistura-se com a

água, sinto-a como uma poça de água na qual podemos nos enxergar. E é assim que constantemente esse risco vai se expandindo, se fundindo com outros materiais e suportes, tais como colagens de flores, uso de carimbos, velas, costura, em que ele raramente permanece apenas sendo um traçado a lápis. Encontro-me nas palavras de Júlia Panadés, que discorre sobre o desenho:

Preso entre a verdade e a dúvida desse acontecimento, sigo o traço como uma linha guia. Confio, deixo-me levar por ele, como por um amigo que me conduz, de olhos vendados. Desenho, para que aquele momento se satisfaça e o desenho permaneça. Assim como permanece latente sob a minha pele, a consciente sensação do desenho, que acaba de atravessar o meu corpo. (PANADÉS, 2007, p. 77)

Em vista disso, me questiono quando é o fim de um desenho, do seu surgimento até serem materializados em alguma superfície. Alguns deles se apresentam de modo impulsivo e assim que aparecem em minha mente, já quero levá-los pro papel, me debruçar sobre eles até senti-lo como finalizado. Há outros que surgem e que passo dias matutando sobre, escrevo no papel, só depois dou forma, mas nunca os sinto como finalizado, como numa experiência mironiana:

Se tenho uma ideia, esboço-a sobre qualquer coisa, em qualquer lugar. E, à medida que o tempo passa, essa idéia vai sendo trabalhada na minha mente e, um dia, virá uma tela. Coisas de mais de quarenta anos atrás me voltam; coisas que eu previra fazer e que amadureceram depois de quarenta anos. (MIRÓ apud SALLES, 1998, p.149-150)

Deduzo que é por essa incompletude, que muitas vezes me percebo produzindo algum trabalho que não me satisfaz, onde vou emergindo, criando camadas, até o momento que o entendo como finalizado. É como a série corpo-raiz, que despontou em esboços nos cadernos, transformou-se em pinturas, depois parti para fotografias e voltei para o desenho, mas ainda sigo modificando conceitos, nessa fixação, em “um processo que fica sempre por se completar, um desejo que fica por ser totalmente satisfeito.” (SALLES, 1988, p. 31)

Exponho a percepção de corpo em meu trabalho como um reflexo do ‘eu’. Talvez, toda vez que pergunte ‘que corpo é esse?’ na verdade seja ‘quem eu sou?’. É esse movimento que vou sempre repetindo – esse espelhamento de si. Essas raízes estão desde 2018 me acompanhando, elas vão se ramificando e ramificando,



desenhos esse olhar, que se desloca a cada imagem criada, e que se revela, mediante as cartografias de si. Me aproprio do elemento espelho desde o início de meus trabalhos, em alegoria ao sujeito de frente ao 'eu', representado, inconsistente e, por vezes, invisível. Assim como, em seu reflexo, exibindo “todas as manhãs, a mesma presença, a mesma ferida; desenha-se aos meus olhos a inevitável imagem imposta pelo espelho”. (FOUCAULT, 2013, p.7)

Considero as figuras recorrentes em minhas produções como metáfora, um gancho para emoções/vivências, seja o peso, a casa, a linha, a cicatriz, a raiz. Esse vocabulário de imagens que se insere em meu caminho artístico, se põe do mesmo modo que uma análise pessoal, mais ou menos como uma prática terapêutica. Logo, vou compreendendo como meus problemas psicológicos, seja a depressão ou ansiedade, vão alterando o meu modo de ver o mundo e que eles vão se revelando por meio desses retratos visuais.

Em muitos momentos, sinto meu corpo embargando, meus membros enrijecerem, ganhando uma carga que não existia; a angústia, toma conta dos meus pensamentos, o coração acelera, até que me percebo em um casulo, onde por dias não consigo sair da cama. Todas essas sensações são minhas recorrentes pedras, as quais tento mover dos meus ombros para o papel.

**Figuras 22 e 23** - O peso que nutre o peito, 2019. Performance.



Fonte: Fotografias de Deisiane Barbosa.

Experienciei pela primeira vez uma crise de ansiedade/pânico em 2014, após sair de uma prova na universidade, senti meu chão se abrindo e todos a minha volta, os rostos conhecidos, tornarem-se anônimos – meu universo passou a tremer, onde

a ação mais segura era me encolher sobre o chão e expor aquele medo em choro até que ele desaparecesse.

Ao retomar essa lembrança, penso em como inicialmente os corpos em meus desenhos não possuíam rostos e vou amarrando os fios, percebendo-os perante o conceito dessa 'não identidade' ou a sentimentos de baixa autoestima. Como tal característica, disponho dessas sensações, que transparecem durante essas crises de pânico e em como esses sujeitos sem rostos denominam em sua figura, essa transparência, os fragmentados, deslocados, criando um desequilíbrio no corpo e nas imagens de si.

A auto-estima [...] pode levar a um desequilíbrio entre o que sou e o que gostaria de ser. Caso essa experiência íntima não atinja um equilíbrio o indivíduo passará a viver em contradição, fingindo ser o que ele gostaria, e não assumindo a sua verdadeira identidade. (FLORIANI, MARCANTE e BRAGGIO, 2010, p. 4)

Assim, essa instabilidade corporal/emocional vai somatizando esses distúrbios psicológicos, como num espelho sem reflexo. Em vista disso, vou nomeando esses sentimentos, ressignificando-os através da criação visual, invocando um outro olhar para essas experiências, que muitas vezes são paralisantes, deixam meu corpo inquieto. Dito em outras palavras, “o corpo é – e é isso que a experiência artística mostra – essa capacidade de produzir uma diferenciação no interior de um mundo indiviso.” (CHAUÍ, 2010)

Retomando a investigação das linhas e como elas se comunicam em meu processo, como se fossem suturas/cicatrices no indivíduo, observo que cicatrizes sempre despertaram em mim certa curiosidade, seja pelo valor simbólico que possuem, seja pelas narrativas particulares e emoções que despertam, gerando indagações acerca das marcas fixadas na pele.

Interesso-me pelo movimento de cicatrização, as ligações entre a cura da ferida e a costura, quais memórias despertam no sujeito, quais são seus traumas e as mudanças acarretadas em sua identidade. Compreendo-as como o resultado da ação do ato de cicatrizar, deixadas e impressas sobre uma superfície ferida; apresento

nesses sinais não somente marcas físicas, mas também subjetivas presentes no pensamento.

Tenho algumas sobre o joelho e tornozelo e geralmente que as olho, questiono os vestígios deixados sobre minha pele, em como, aquela ferida curada, vai sofrendo ação do tempo, tornando-se apenas lembranças dos acontecimentos que a provocaram.

Dessa maneira, é difícil pensar em cicatrizes e não as relacionar com a memória, já que esta, é um arcabouço de situações e experiências vividas. Em síntese, Malu Colombo discorre:

Corpo e memória andam juntos. A cada dia vivido nessa rotina brutal que a maioria das pessoas tem, acrescentamos uma memória, uma marca para cada acontecimento. Nem sempre esses acontecimentos resultam numa cicatriz aparente, são provenientes em alguma coisa, algo que será lembrado. (COLOMBO, 2015, p. 25)

Por isto, ao ferir-se, o corpo tem na cicatrização uma reconstrução, não somente em aspectos físicos, mas em uma ressignificação de sua própria imagem.

Após essas percepções, voltei à palavra *Sutura*, título de uma instalação desenvolvida na matéria de processos artísticos II (escultura). Trago uma forte ligação com a costura e os fios, pois eles sempre me remeteram a esses pontos cirúrgicos.

Além do que, o procedimento de sutura parte da ideia de um ferimento e de tratá-lo por meio do alinhavo dos lábios de uma ferida e que, após um período, os pontos ali presentes unem a pele por meio dessa linha, gerando uma cicatriz no local.

Na medida em que fui desenvolvendo o conceito, decidi expor por meio de uma instalação, objetos para compor um mapa de afetos, marcas e memórias, anexando-os sobre um espelho de forma que eles se apresentassem como uma mesa cirúrgica.

Em decurso desses primeiros trabalhos, a linha vermelha, o traço, a palavra, o uso do tecido, o bordado e as escolhas de outros materiais não tradicionais foram ganhando ainda mais lugares simbólicos-afetivos em minha produção.



**Figuras 24, 25 e 26** - Suturas, 2018. Instalação, dimensões 20 x 40 cm.



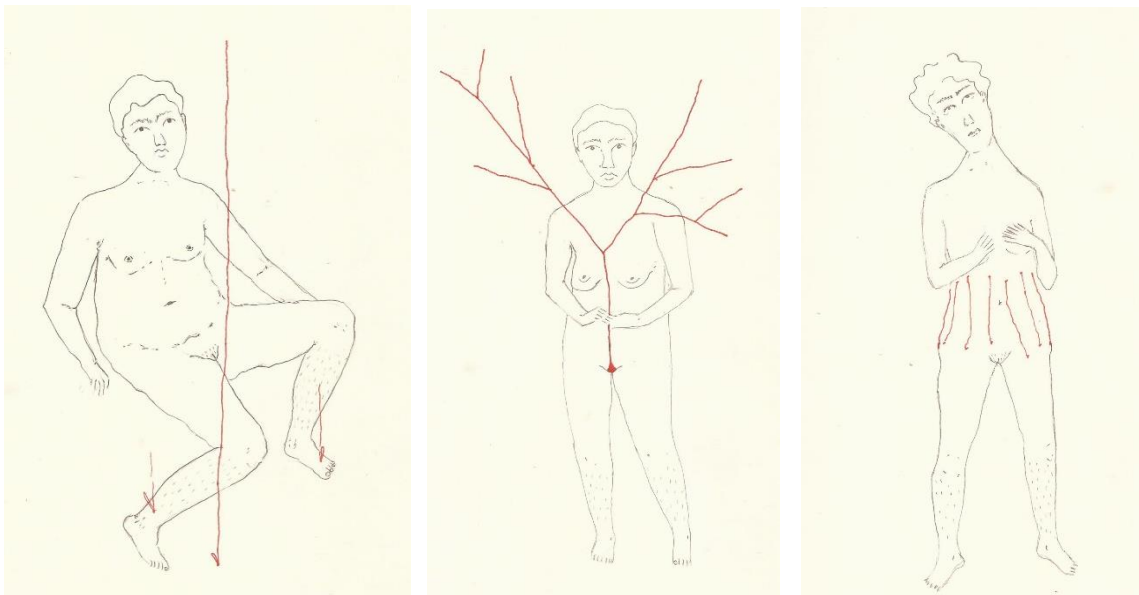
Fonte: acervo do autor.

É como se a todo tempo estivesse costurando o invisível, um espaço-tempo íntimo, que se entrelaça com o externo. Essas imagens que surgem do meu inconsciente, vão tramando e se expondo para mim e para o outro por esse fio. Disponho do desenho e da escrita como linguagens disparadoras para criação; tudo surge a partir deles para se tornar o croqui de uma instalação/pintura/fotografia/performance/bordado.

Ao conceber no desenho o exercício de espelhamento de si, tenho tido o cuidado de continuamente trazer a representação de diversos corpos, não estabelecendo um 'padrão' para eles, acredito que essa diferença reflete meu pensamento referente a essas diversas identidades que me compõem, como também, as que estão a minha volta.

Ao me atentar a esses padrões e às sensações advindas da experiência desse corpo e de como, a partir disso, o sujeito passa a não se identificar e sentir-se desconfortável nos espaços que convive, surgiu o conceito de casa-abrigo, em que passo a refletir por meio dos significados de casa e abrigo, e como esses desconfortos apontam para a necessidade de fuga, procurando “saber de que forma os “não lugares” podem provocar uma perda de nós mesmos como grupo e sociedade, prevalecendo agora apenas o indivíduo “solitário”.” (SÁ, 2014, p. 211)

**Figuras 27, 28 e 29** - Sem título, 2020. Lápis e nanquim s/ papel, dimensões 21 x 14 cm.



Fonte: acervo do autor.

A partir das reverberações sobre nossos lugares de abrigo e fuga, desenvolvi o trabalho *casa-casulo* para a disciplina de bordado em 2018. Me recordo de criar uma fixação em querer desenhar a figura de casas, pois partia muitas vezes no fim da tarde para a orla de Cachoeira, com o intuito de fazer estudos de observação dos morros da cidade de São Félix - essa vista me causava um certo conforto, assim, tornando-se lugar de abrigo.

Penso que todos têm um refúgio para onde ir em momentos de inquietação, seja um local, uma pessoa, uma distração; a imagem da casa tornou-se esse local de abrigo e fuga para mim, não sendo apenas uma estrutura física, mas um ambiente de aconchego, onde me remete a diversas memórias e situações afetivas. Portanto,



*casa-casulo* nada mais é que nosso espaço de escape para possíveis estados de desordem.

**Figura 30** - Casa-casulo, 2018. Bordado e pintura s/ algodão cru, dimensões 42 x 29,7 cm.



Fonte: acervo do autor.

Creio que também estava buscando através desses desenhos, transpor a sensação de não-pertencimento e não-lugar. Passei os anos de 2018-2020 recorrendo ao elemento casa como simbólico/metáfora para falar sobre o incômodo desse corpo que ao longo dos anos foi rejeitado, e a ação de torná-lo esse ambiente de acolhimento.

Nesse mapa-chão que venho tecendo desde 2017, vou percebendo as várias camadas e texturas que vão se compondo e em como todo esse trajeto vai sendo refletido tanto em minha trajetória pessoal, como artística - “um corpo vivo, de ações múltiplas e variadas, inspira, respira, dialoga e propõe assumir a carne como espetáculo ou, ainda, receptáculo plástico, como embalagem.” (GARCIA, 2005, p.12) Exponho esses sentimentos, perante a carta e desenhos a seguir:

## CARTA A CASA, 27 DE AGOSTO DE 2020.

querido corpo, eu tenho sentido uma agitação estranha, as palavras têm ecoado muitas vezes através de você. não consigo dá conta de lidar com tudo, talvez consiga, mas há uma insegurança que não me deixa atravessar as paredes. eu - é uma palavra insistente para dizer que não tem como deixar apagar sua própria existência. não há formas de cortar todas as raízes que nascem do seu corpo por mais que diariamente você insista em ter uma tesoura a mão. você tem estado bem? é uma pergunta que tenho evitado pensar, sei que você vive com um peso sobre os ombros e por isso há essa envergadura em suas costas. não tem como carregar em você o peso dos outros, de como você se afeta pelas coisas invisíveis. o invisível talvez seja só esse buraco que você vive a cavar aí dentro. é a terra que joga sempre na tentativa de adubar e anular essas sensações que vive em você. querido corpo, você tem reclamado muitas vezes, sinto seus ossos se destroçando aqui dentro e o sangue que deveria eclodir, vive implodindo. será essa a forma que tem encontrado para se manter? às vezes, muitas inclusive você tem batido de frente consigo na tentativa de sobreviver. o que te causa tanto medo? hoje percebi que você teve pesadelos, sonhou com uma casa e que estava em perigo. que perigo é esse que você tanto teme? penso que suas memórias estão reafirmando para você algumas palavras que não existem mais, é preciso ultrapassar as palavras ouvidas para alargar suas raízes e se deixar crescer. querido corpo, você tem um raminho de planta nas costas, ela nasce na altura da sua coluna, deixe os pesos caírem, só assim a árvore em você poderá se pregar na terra e fazer das suas pernas alicerces para o caule brotar.

(Fernanda Ferreira, 2020)

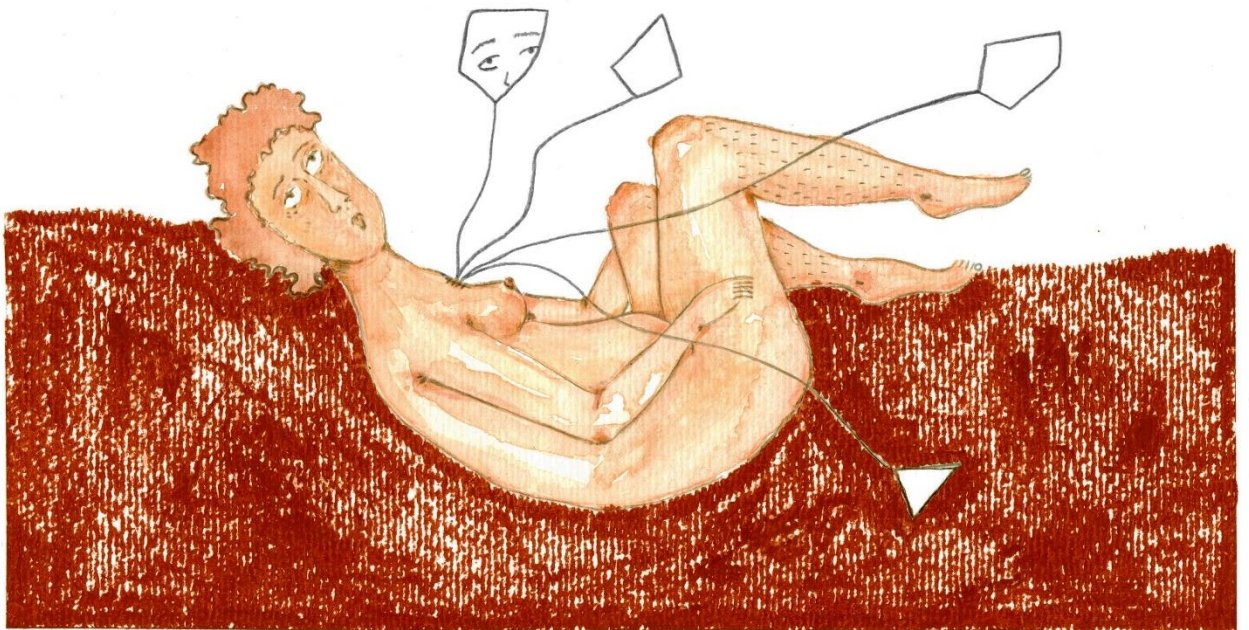
**Figuras 31 e 32** - Sem título, 2018. Ilustração digital / lápis, aquarela e carimbo sobre papel, dimensões variadas / 21 x 21 cm.



Fonte: acervo do autor.

Através da linha e do corpo conduzo a pesquisa em processo, elaborando reflexões advindas das imagens de si... estou sempre delineando respostas para a pergunta 'que corpo é esse?'.  
Através da linha e do corpo conduzo a pesquisa em processo, elaborando reflexões advindas das imagens de si... estou sempre delineando respostas para a pergunta 'que corpo é esse?'.

**Figura 33** - Sem título, 2019. Aquarela, lápis de cor e giz pastel sobre papel, dimensões 21 x 29,7 cm.



Fonte: acervo do autor.

## 4 ALARGAR O CORPO-RAÍZ

Espalhar-se. Alastrar. Estender. Por meio dessa tensão, o fio que estava se rompendo, se amarra a outros, se expandindo. Acredito que é assim que acontece com esse corpo, sempre propenso ao desconhecido, buscando nele maneiras para se reconhecer. Temos no corpo-raíz um sujeito sempre alargando suas raízes, em que, ao mesmo tempo que ele se fixa sobre o chão, suas ramificações vão percorrendo a terra, investigando novos espaços.

Ele se compreende enquanto um corpo, móvel, fluido, sempre em fluxo – cartografando as imagens de si. É desses desvios que pretendo alinhar nas próximas seções os movimentos de criação que resultaram no *Tumblr* e no livro-objeto-digital *carta-grafias de si*. E que ao longo da pandemia da covid-19 no ano de 2020, segui experimentando através de imagens-desenhos-palavras para ilustrar os ecos e subjetividades desse gesto-ação em devir.

### 4.1 TECENDO CARTA-GRAFIAS CORPORAIS

Como recomeçar? Como alcançar a intimidade e a urgência que quero?  
De que forma? Uma carta, claro.  
(Anzaldúa Gloria, 1981)

O *Tumblr tecendo carta-grafias corporais*<sup>3</sup> germinou após início do isolamento do covid-19 em março de 2020, onde notei que estava muito agitada e com uma necessidade de expressar angústias e pensamentos que me inquietavam nesse período. Ao mesmo tempo, no grupo de estudo História da Arte e Gênero, coordenado pela professora Priscilla Miraz, ao qual faço parte, começamos o projeto de extensão *Cartas para Transversar Paredes*<sup>4</sup> onde estamos desenvolvendo cartas através do processo de escrita de textos baba. Diante desses experimentos, senti uma urgência de não só guardar essas cartas, mas

<sup>3</sup> <https://corporaiz.tumblr.com>

<sup>4</sup> <https://historiadaarteegenero.wordpress.com/2020/09/06/cartas-para-transversar-paredes/>



também precisava as expor, já que nesse momento o contato social foi reduzido a somente interações virtuais, essa carência me causou bastante apreensão e medo. Desta forma, decidi tecer virtualmente um repositório para essas cartas utilizando a plataforma online do *Tumblr* como depósito para essas palavras-imagens.

O nome *tecendo carta-grafias corporais* veio após a leitura do texto *Desenho como Trajeto* de Vanessa Tavares, quando percebi que estava estabelecendo diálogos com a autora, onde ela fala da aproximação que o desenho trama com o cotidiano, sendo ele 'provocador de sentidos'.

**Figura 34** - Imagem Jpeg, 2020. Print da página do Tumblr.

## TECENDO CARTA-GRAFIAS CORPORAIS

### A DISTÂNCIA DE 1,5M

há três dias uma chamada de um edital falava sobre a distância de 1,5m que é a distância que devemos ter um do outro nesse período de pandemia. fiquei refletindo sobre essa distância imposta aos nossos corpos. uma lembrança me veio a cabeça, pensei em um tio meu, eu não o conheci, não sabia nada dele até sua morte. ele morreu de hiv, fiquei pensando e voltei a pensar na proposta do edital. penso nos corpos dissidentes, eu como uma mulher-bissexual, mas que atualmente na-mora uma mulher, possui várias distâncias residentes em meu corpo - a pandemia só reforça os metros já existentes. eu gosto de pensar em muitas coisas, mas especificamente isso ficou martelando bastante na minha cabeça. a distância já existe. ela que se instala, abre a porta e quando vejo não há ninguém. ela tá aqui, quando eu não consigo dizer as pessoas a minha volta sobre minha relação. ela tá aqui, quando no natal todos se encontram, festejam em família e minha família não está comigo. quando eu teimo em dizer a minha mãe sobre minha

Fonte: < <https://corporaiz.tumblr.com> >

A partir de seu texto, compreendi o uso dessas cartas como forma de sustentar e experienciar a vida. Quando escrevo ou desenho estou existindo. Assim, com base nesse movimento derivou a palavra carta-grafias, que expressa essa ligação que a

palavra tem com a linha e que ambas coexistem. Perante esse processo de cartografias o corpo tece através dessas formas, maneiras de ser e encontrar-se.

Enquanto adolescente costumava escrever cartas para pessoas, não da forma tradicional em que – escrevemos, enviamos pelo correio, esperamos a pessoa recebê-la. Era algo mais como um ‘bilhete’, em que a empregava como um diálogo escrito, com palavras no qual não conseguia falar. Após essas primeiras recordações, minhas lembranças só vão mesmo aos infinitos textos que nunca chegaram a um receptor, todos guardados em caixas, computadores e celulares. Um relato sem resposta.

Temos na carta um dispositivo em que revelamos algo, uma correspondência, onde geralmente escrevemos assuntos cotidianos, alguma notícia importante, um pensamento que se envia a alguém para comunicar alguma coisa. Através dela, me aposso desse gênero linguístico como método/experimento; um provocador para impulsionar a escrita em meu processo, utilizando-a como expressão artística. Em *escritas de si*, Foucault nos diz:

A carta é também uma maneira de se apresentar ao correspondente no decorrer da vida quotidiana. Relatar o seu dia – não por causa da importância dos acontecimentos que teriam podido marcá-lo, mas justamente na medida em que ele nada tem para deixar de ser igual a todos os outros, atestando assim, não a relevância de uma actividade, mas a qualidade de um modo de ser – faz parte da prática epistolar [...]. (FOUCAULT, 1992, p.9)

A escrita sempre foi um exercício, uma meditação, um diálogo a sós. Sempre fui uma pessoa que escutava muito – pouco se pronunciava. De alguma maneira aquelas palavras não ditas precisavam ser externalizadas. Nesses anos, nos cadernos de bolso, durante aulas, em todos os lugares, pelo simples ato de pegar o lápis e riscar, em como sentia meus dedos e corpo se movendo durante esse trajeto; cotidiano, ansiedades, recorria a escrita como um diário, principalmente em momentos de angústia, era como tirar o peso dos ombros e colocá-los no papel, como uma metáfora ao jogo ‘pedra, papel e tesoura’, no qual o papel engole a pedra, sentia aquelas sensações amenizando, me deixando mais leve.

Transformei a escrita num hábito, onde a ‘auto narrativa’ além de criar mundos, revelava em si outros mundos escondidos na esfera do invisível. Ter no devaneio

um desenho de si, de dentro, dos pensamentos e emoções recorrentes, muito mais que pronunciar para o outro, acredito que é falar de si por si e não pelo outro. Experimentar a escrita como elemento de treino de si e dos movimentos interiores. Ainda dando seguimento nas palavras de Michel Foucault “trata-se, não de perseguir o indizível, não de revelar o que está oculto, mas, pelo contrário, de captar o já dito; reunir aquilo que se pôde ouvir ou ler, e isto com uma finalidade que não é nada menos que a constituição de si.” (FOUCAULT, 1992, p. 3)

Voltando às cartas, as considero como uma interessante ferramenta para criação artística. Seja pela intervenção de usá-las como anotações de processos e memórias cotidianas ou de escrevê-las para alguém. Ao usarmos tanto como linguagem ou como registro, a tornamos um dispositivo propulsor para produção do artista.

Rememoro algumas cenas de filmes, em que me sensibilizou a troca de correspondências; pegar o papel, a caneta, ver a linha se formando, lacrar o envelope com a cera da vela. Temos nesse exercício de escrita, onde se fala e se ler; a carta como um ato performativo, onde não só revelamos a experiência, como também a experienciamos. Laura Castro Araújo descreve um pouco sobre:

Portanto, a narração não é uma forma de traduzir uma experiência, mas de experimentá-la. A própria narração já é uma experiência. Por isso, a escrita seria uma forma de viver, independente de seu registro. Em outras palavras, seria pensar que a experiência configura-se como um *dever* e não se reduz à esfera da representação. Ela é muito mais um *vir a ser*, do que uma *mimesis*, que vai representar o que estou dizendo. Assim, não se separa a vida do que se escreve, pois a escrita faz parte desse *vir a ser*. (ARAUJO, 2015, p.33)

Presumo que, por essas pontuações, passei a explorá-la como expressão visual. Há uma percepção de mundo ali, nos movimentos gerados pelo corpo, na palpitação do coração ou na respiração que se aprofunda, assim como, no arremate, no intervalo - no intento de maturação, em que iniciamos e só retomamos dias posteriores. Há a consciência, a memória, a observação, um esboço do que será apresentado. Prestando atenção nos sons que vibram em seu corpo, “a escrita, possibilita a relação do Eu e do Outro, do dentro e do fora, possibilita o

espaçamento, a pausa, o silêncio, a relação entre espaços e tempos e a relação entre tempos, enquanto temporalização.” (SILVA, 2008, p.389)

Sustentei o conceito das carta-grafias nesse movimento de retomada para dentro, proporcionando essa reflexão; tramando um hábito, que se iniciou por meio dos textos baba - o exercício de autoconhecimento e espelhamento de si / ter o desejo de abrir os olhos, ser olhado e olhar-se. Deisiane Barbosa, comenta sobre esse olhar atento para si por meio da escrita:

Pode não parecer, mas olhar para dentro do próprio umbigo e realmente enxergar o que se vê lá pode ser das tarefas mais difíceis. [...] quando comecei a escrita de cartas, não sabendo ainda exatamente o porquê, ou com qual objetivo o fazia, certamente buscava ali um exercício de espelhar-me através da escrita, uma maneira de expressar ideias ou traduzir em palavras as minhas fotografias do mundo de dentro e ao redor; [...] considero que a carta, neste caráter de escrita de si, além de uma atividade intelectual e emotiva, funciona enquanto uma escrita que envolve mais ativamente o corpo. [...] em resposta a esse processo, a leitura se faz de igual maneira, reverberando no organismo do leitor o que as reativações psicológicas irão suscitar. (BARBOSA, 2016, p. 13 - 14.)

Foi ao longo desse ‘descobrimento’ da escrita pelo gênero textual das cartas que o *Tumblr* nasceu, assim, sem destino, ele tornou-se minha caixa de correio-virtual, direcionado a qualquer um que se sentisse convidado a se debruçar em leituras e visualidades.

No decorrer desse processo e na noção do texto como imagem, passei a repensar os limites da escrita; onde, na sua forma, fonte, cor, pontuações, em sua composição e sonoridade, lanço mão da criação como um modo de ressignificar, por meio da escrita livre, os espaços da palavra e da imagem, e como eles se mesclam e são tecidos.

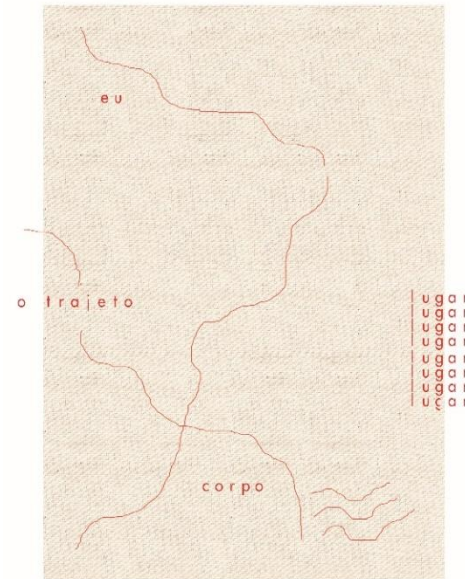
Deslocar esses conceitos, me levou a materializar as cartas no “intercâmbio entre ambos os territórios: o da palavra e do desenho.”<sup>5</sup> Em que, na superfície em branco da folha, tela ou de qualquer local a qual ela seja gerada, dispor a possibilidade de tornar no “imaginário da memória [o] que será reproduzido no dia seguinte.” (FOUCAULT, 1992)

---

<sup>5</sup> (TAVARES, 2004, p. 103)



**Figura 35** - Sem título, 2020. Ilustração digital, dimensões variadas.



Fonte: acervo do autor.

**Figura 36** - Sem título, 2021. Assemblagem, dimensões 21 x 29,7 cm.



Fonte: < <https://www.instagram.com/p/CLXcKw2nH1J/> >

Deste modo, julgo a extensão do uso da escrita de grande importância, não só pelos habituais ganhos voltados para a academia, mas sim, ter a escrita pela

escrita; escrever pelo simples gesto de preencher uma folha, que pode ser desde uma lista de compras, a contos, uma poesia, desabafo, tudo é válido - transformar as carta-grafias de si em uma percepção sobre você e o outro, onde seu valor se dá pelo quão você se põe, na experiência, em suas vivências, pois “não é no papel que você cria, mas no seu interior, nas vísceras e nos tecidos vivos.” (ANZALDÚA, 2000, p. 234)

### 4.2.1 Dar nome às imagens-palavras

[...] esvaziar  
deixar ir  
o que te faz minguar  
de fome.

(Deisiane Barbosa, Refugos. 2019)

Apresento nesta seção nomeada dar nome às imagens-palavras, reflexões que me transpassaram durante o período de isolamento na pandemia da covid-19 no ano de 2020, juntamente ao meu processo artístico atrelado a criação do *Tumblr*. Em cada texto tento expressar os ecos e desvios de sensações advindas da relação sujeito/corpo e de como dar forma a isso por meio de imagens-palavras, através da elaboração de textos-baba e do fluxo livre de pensamento.

O contato com os textos *Rumores discretos da Subjetividade* (2010) de Rosane Preciosa e *Viagem a um arquipélago possível: o artista viajante em processo* (2018), tese de Thais Graciotti, despertou em mim a vontade de repensar meu método de escrita, como também a relação dela com o texto acadêmico, mais endurecido e institucionalizado. Optei por um fluxo livre, pensando a escrita expandida através do gesto de criação de imagens-palavras, por intermédio de cartas sem um destinatário, cartas que existem apenas pelo movimento de se debruçar sobre um papel e deixar escorrer ali pensamentos e sensações, dando forma por meio de palavras e desenhos.

Assim, no decorrer da produção de texto baba, conceito trazido pela Suely Rolnik<sup>6</sup> que já mencionei anteriormente, passei a usar a escrita de cartas como linguagem, onde cada pensamento, textos lidos, conversas e palavras se acumulavam; em março de 2020 experimentei gravar áudios sobre esses processos e depois transcrevê-los, mas logo retornei ao modo de escrita direta, sem as gravações.

Durante esse percurso compreendi essa escrita como algo pessoal, íntimo, em que, através dos textos, estivesse revelando a mim mesma, como quem se eu me observasse em frente ao espelho ou escrevesse um diário. Em um momento percebi

---

<sup>6</sup> p. 21

que muitas das cartas falavam justamente sobre os conceitos que rondam meu processo de criação, sobre a relação que tenho com meu corpo, a memória e as subjetividades que atravessam as imagens de si. Neste contexto, se dá a origem do conceito carta-grafias, cartas sem destinatário, inicialmente, que tomaram o rumo de cartas direcionadas a mim mesma, como um gesto de se reconhecer nas imagens e palavras, o exercício de praticar na escrita acadêmica, a ação de escrita de si.

Ao sustentar a escrita mediante essas cartas, acredito criar novos mundos através delas, criar um espaço-tempo para além do momento agora, nele estruturo pensamentos-memórias-subjetividades.

Tenho várias memórias, mas destaco especificamente quando adolescente, minha mãe bordava vagonite, no qual costumava fazer barras de toalhas, lençóis, etc; o bordado me fazia estar perto da minha mãe. Citar essa memória no texto é só para poder te dizer que, assim como aquela linha que passava pela agulha criando rabiscos no alinhavar de tecidos, as palavras são assim para mim – desenhos, onde eu conheço e crio um mundo.

Carta-grafias é esse processo de falar através de cartas, cartografando qualquer movimento que crie uma turbulência em meu corpo – como boa água, meu corpo permanece transbordando / uma boa pergunta para se fazer de frente ao espelho, encarar-se – atravessar seus olhos, capturar a si. O deslocamento provocado pelo acolhimento sacode a estrutura, instaura um mundo – o seu.

Promover a escrita de si é um exercício que tenho praticado nos últimos anos, desde criança aprendemos o movimento de escutar o outro, ouvir dos seus pais-amigos-familiares, mas em que momento você se escuta? Em todo momento estamos sendo atropelados, não há ócio, estamos nos enchendo de leituras, filmes, imagens, sempre enchendo o balde. Lembro-me a primeira vez quando ouvi a expressão ‘escrita de si’ fiquei fascinada, será possível dizer através das minhas palavras o mundo? – descrever o ar, o corpo, a espessura da água – de que corpo você fala?

É possível ter tanto espaço vazio dentro. Não é uma pergunta. Trazer a escrita de si para meu processo faz isso acontecer, ao mesmo tempo que estou falando

sobre a linha vermelha criada sobre o papel, estou falando sobre o peso de ocupar a vida, em seu sentido mais alegórico possível. Deslocar nossos mundos para as imagens-palavras é uma forma de tentar ressoar no outro.

Coleciono palavras para guardar um potinho de frases para quando me desmanchar em silêncios. Sempre me pergunto o que de fato queremos fazer quando escrevemos um texto-carta-poema-canção – dizer a alguém o que pensamos, pôr para fora sensações que abarrotam o corpo, ou simplesmente tornar palpável as sensações para poder visualizá-las com outro olhar.

No segundo semestre, durante meu trajeto acadêmico, as pinturas e trabalhos da Frida Kahlo instigaram bastante o meu processo imagético, os temas de seus quadros e as formas como ela falava de si através daqueles autorretratos me tocaram com tamanha sensibilidade, trazendo a reflexão que a maioria dos meus desenhos nascem da pergunta ‘que corpo é esse?’. É como uma pergunta-passagem.

Corpo esse que é ressoado a partir de suas vivências. Tudo que você vê no meu trabalho é sobre mim. Frida Orupabo<sup>7</sup> diz isso em uma entrevista: “Eu sou o meu trabalho. Faço o que faço para ter uma melhor compreensão de coisas que estão à minha volta e dentro de mim [...] o que você vê quando olha para os meus objetos também é o que você vê quando olha para mim”. (ORUPABO, 2020). Acredito que esse trecho se dirige à relação com esse corpo que tanto busco e falo em meus trabalhos. Quais são as carta-grafias que estão expostas sobre tua pele? O que o seu corpo fala?

A linha que liga o fio é fina e pode se romper a qualquer momento – o bordado está invisível. Expandir a imagem-palavra-desenho para torná-los um só. O que diferencia o desenho da palavra? Estou sempre os enxergando como uma linha única, definida. Como um mapa, essas linhas descrevem, se mostram como cartografias de um corpo-subjetivo, consigo perceber o mundo. Que formas suas linhas criam? O corpo é um mapa em movimento. Através do gesto-ação de escrever-desenhar estamos performando cartas para leituras, criações de mundos,

---

<sup>7</sup> <<https://amlatina.contemporaryand.com/pt/editorial/understanding-the-self-through-depictions-of-the-black-female-body>>

para abrir a porta de casas e estar no meu/seu sofá. – Olhe para o lado, o fio está aí.

Nas próximas linhas sigo tramando as cartas, uma apresentação derivada do experimento de escrita e criação imagética através do processo de carta-grafias de si, fluxo que se entrelaça em fios, bordados e cartografias afetivas atravessadas no corpo, nas palavras e imagens.

---

## COMO DAR CORPO À MEMÓRIA?

31 de março de 2020

O que é a memória? Desde criança, vamos caminhando, criando experiências, acumulando afetos e a partir dessas vivências elas vão sendo criadas. Em alguns momentos, elas retomam nossas lembranças aparecendo após gatilho ou outro.

No dicionário Aurélio encontramos que a memória pode ser uma recordação ou o lugar onde anexamos ideias e imagens. Mas que lugar é esse? Como dá corpo a memória? Sempre que penso em corpo, penso que ele é o lugar onde anexamos nossos órgãos, pele, consciência. Mas que corpo é esse tão abstrato em que vagam as memórias? Lugar cheio de saudades, presenças- ausências. Lugar da memória é o espaço onde a gente vive todo tempo em um tempo só. O presente e passado estão unidos e se entrelaçam, como um fio que outrora cresceu e em outro momento diminui.

Refletir sobre a memória me faz pensar numa raiz flutuando sobre a água, conseguimos ver suas raízes, estas estão sempre acompanhadas de outras e a cada dia que passa algumas vão crescendo e outras se alargando na água densa em busca de um lugar para fixar.

Como a pele que reveste o corpo, nossas memórias são revestimentos de quem somos, por onde caminhamos. A pele-memória vai dizer quem eu sou, quem você é - à procura de novas lembranças a memória cambaleia despretensiosamente sobre a vida.

---

---

## **AFINAL, DE ONDE SURGEM OS ESPELHOS?**

13 de setembro de 2020

O espelho é uma superfície dura que proporciona aos que estejam a sua frente/redor o reflexo. É um processo de duplicação. Mas, o que acontece ao nos vermos no espelho? O espelho possibilita tal fidelidade à minha imagem? O espelho atrai quase automaticamente a resposta de quem somos refletidos a nossa frente, nele podemos nos enxergar - ao me olhar no espelho me deparo com um ser outro, um estranho-familiar no qual me encontro e separo na mesma medida ~ no momento que encubro meus olhos para não enxergar as singularidades à frente.

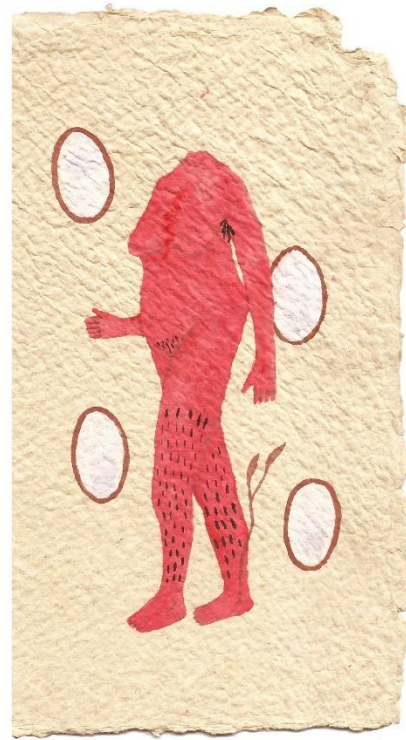
O espelho responde a todos os 'quem sou eu?' que não ousaram sair da minha boca e que em reverberam meu estômago. Quem eu sou? O espelho ali a frente responde - sou essa imagem duplicada de mim que atende a todos os meus comandos, mas que se afasta muitas vezes da idealização que tenho de quem sou, acabo em uma cabine de vigilância - entre o eu e o espelho, disposta a encontrar todas as familiaridades que persisto em não enxergar nesse corpo-chão aqui presente.

Paro e olho, pergunto: como você é? instala-se um breve silêncio, um segundo, quatro segundos... vejo a frente um corpo desconfortável que me encara, tímido, ele percebe que não se encaixa - mas se encaixar onde? Um corpo em transformação, que não se vê nas imagens de fora, e que de dentro não consegue se alcançar. Todas as vezes que retomo ao espelho, a familiaridade cria inexistências, instaurando vazios. Me ousa a novamente perguntar: quem você é? Repetidamente o silêncio - dessa vez o corpo ali a frente se propõe a balbuciar alguns nomes, pronunciar as vozes existentes, criando sentidos para as palavras não ditas que são guardadas no ínfimo de ser.

---



**Figuras 37, 38, 39 e 40** - Série 'o que há atrás do espelho?', 2020. Tinta guache s/ papel reciclável, dimensões variadas.



Fonte: acervo do autor.

---

## O QUE É O AUTORRETRATO?

27 de março de 2020

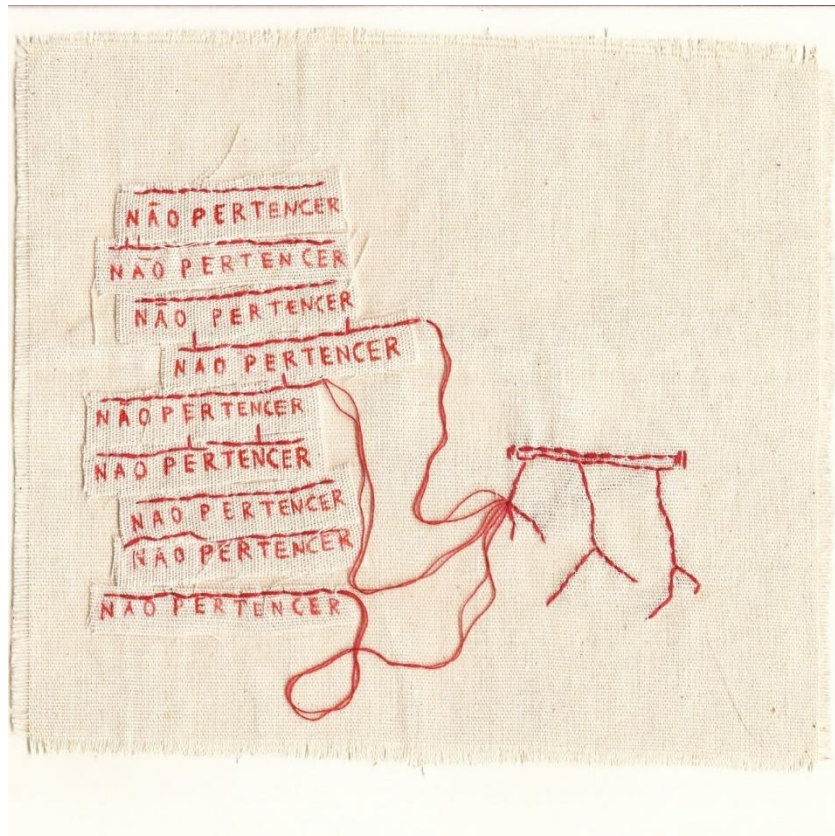
Desencadear a imagem de si mesmo. Encontrar a ponta que nos conecta com a nossa forma de dentro. Das poucas coisas que fluem, se revela uma narrativa que desenrosca cenas que vão se sucedendo e indo a favor ou contra da história que imaginamos de nós.

A história, inacabada, sempre em crescente, diz o que muitas vezes não é capaz de dizer a si mesmo - retratar é como desvelar outras histórias, amarrar em uma linha e ir puxando para o mais perto possível. Deixar que os nós se emaranhem enquanto a agulha vai passando ponto a ponto sobre o tecido, parar, repensar qual é o ponto necessário para seguir. Autorretrato é como se olhar no espelho e se prender nas nuances, permanecer e ver que cada ruga encontra na memória a passagem para o que se é hoje, como água de cachoeira que despenca em queda d'água - que lembranças são essas que balbuciam palavras em minha mente, me abraçam em outras narrativas e envolve meu corpo em um único fio, rodopiando-o, de mão em mão, como se os pés dançassem na terra? Que corpo é esse?

---



**Figuras 41 e 42** - Sem título, 2020. Bordado e escrita s/ papel e tecido, dimensões 15 x 15 cm.



Fonte: Acervo pessoal da artista.

---

## ENCONTRO COM AS PALAVRAS

31 de março de 2020

É quase como um suspiro. Palavras pressionadas, é o lembrete no celular, a ânsia de escrita, a frase que bate aqui dentro e você se pergunta para que? Eu nem me lembro quando comecei a escrever, lembro-me de quando criança colecionar livros de português, meus pais não tinham condições financeiras e nem fui estimulada a leitura. Então, foi assim, recortando todas as poesias, tirinhas de livros, que foi se formando as frases, daí conheci o que eram as palavras.

Lembro que a escrita sempre me veio como um desabafo, um suspiro nos dias de mar turbulento. Sempre precisava dizer algo. Por ser muito tímida sempre tive muito receio de falar, algo sempre soava errado quando abria a boca para dizer algo. Então, tudo que não era dito, se tornava escrito - poesias, textos, desabafos. Tentar retomar esse hábito tem sido difícil, as palavras não têm sido suficientes, na verdade, penso que não tenho sido suficiente para tornar-me palavra. Que insegurança é essa que faz a gente de um dia pro outro desistir da escrita, por achar que não tem nada importante para dizer? Afinal, para quem a gente escreve?

Por um tempo, fiquei pensando sobre o exercício de deixar os pensamentos vagarem por tantos lugares, como se fossem páginas e minha memória desse conta de guardar tudo lá dentro e que repetir essas palavras para mim fosse o mesmo que dizer ao outro, a outra, a folha - não nos deixamos ser guiados pela leitura, pelas palavras, pelo desenho; o corpo que precisa dar forma fica abstrato. O espelho não dá conta de nos dizer o que precisamos saber sobre nós. Às vezes ele até engana. Não que seja o espelho, mas sim essa ideia absurda de nos apontar o dedo como se tivesse um outro a todo tempo nos fiscalizando. Quem é esse outro? Porque insistimos em querer dar conta de sensações que não são nossas.

Essas palavras respingam em um espirro contido, da poeira acumulada há tanto tempo. Quais são as palavras que você preencheria uma folha se não fosse achar que estas palavras seriam sem importância, e que outras formas poderiam dizer o

que aquele apanhado de palavras diz? Qual seria a forma das suas palavras?

---

---

## MEU CORPO É O LIMITE

06 de outubro de 2020

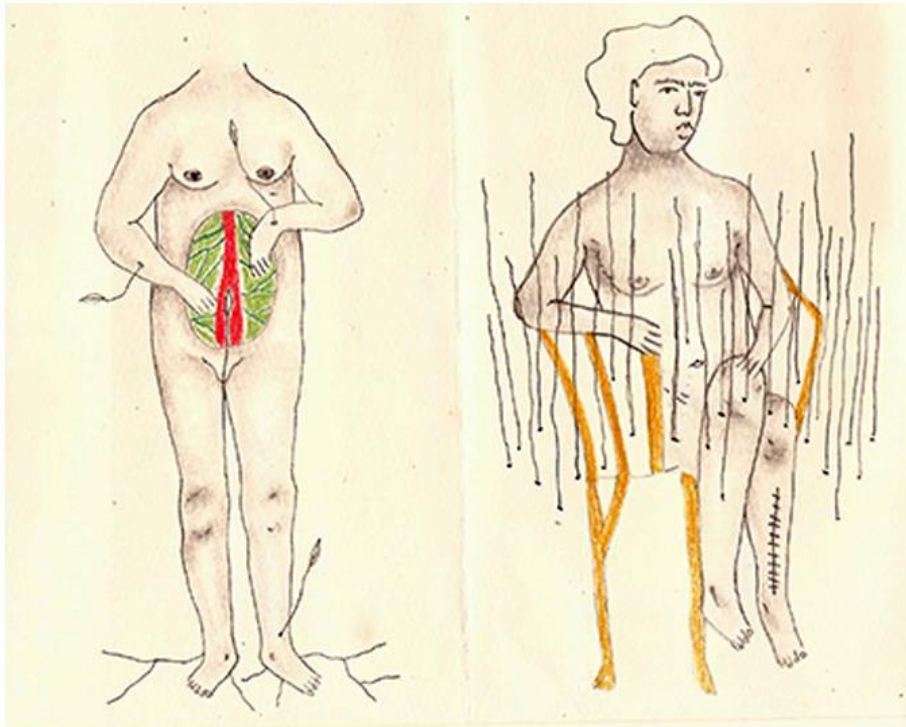
O limite é encontro. Sempre pensei limite como uma parte do meu corpo que não alcanço, entender que limite pode ser lugar de encontro me faz pensar em todas as vezes que negligenciei meu corpo por medo da perda - as diversas vezes que deixei de me encontrar. Quantas vezes nosso corpo nos dá indícios do incômodo e evitamos o caminho só pra não dá de cara com o que evitamos pensar; talvez seja a partir desse ponto que eu pense a interseccionalidade dos corpos, é através desses limites que se cruzam e se entrelaçam - são encruzilhadas.

Meu corpo sempre atravessado por diversas direções, me deixou atenta a todas as vezes que ele tocou essas encruzilhadas e eu deixei passar, por medo do encontro - vim de uma família conservadora, onde minha namorada é "para mim ela é sua colega"; é desse incômodo que a gente nunca fala e só jogamos terra em cima pra tentar aliviar o peso; o que compõe a vida se não o acúmulo desses vários pesos que nos adaptamos a carregar ou jogamos de lado, pois o corpo não aguenta caminhar com eles.

Compreender o limite como encontro, me causou a percepção de que andar pelas beiradas não é só estar ao meio ou sobre a ponta, mas, também caminhar entre texturas diferentes, deixar os pés escorregar pelo chão e outrora nos permitir ser levado. Entender-me enquanto uma mulher, me trouxe o sentimento de que também não sou e que essa beirada/limite é onde meu corpo está; estou transitando pelos lugares, ao meu corpo não cabe o 'binário' de ser um ou ser outro / me familiarizar com os limites causam essas multifurcações, encontros de um corpo que tece diariamente trajetos por estar vivo; onde os pés-raízes tocam o chão - a raiz aqui é esse lugar, que se move, não é parada, mas sim lugar de partidas, para onde o corpo percorre e se alastra. Meu corpo é limite, é encontro.

---

**Figura 43** - Pequeno tratado de uma rara patologia, em 2020. Livro de artista, dimensões 10, 5 x 14, 8 cm.



Fonte: acervo do autor.

---

## O TEMPO DO CORPO

31 de setembro de 2020

Como viver o aqui e o agora se estamos a todo tempo nos deslocando entre todos os tempos possíveis? De que maneira nosso corpo se prende ao agora, se permitindo estar aqui? Hoje visitei a casa de uma tia em sonho, no seu quintal havia um tanque cheio de água. Para onde seu corpo te leva e atravessa através do tempo e espaço? E seus sonhos, para onde eles sempre vão? a possibilidade de estar dormindo e por momentos, parar onde há saudade ou o lugar onde nem conhecemos, mas visitamos nos sonhos, espaços em que a linha amarra a ponta dos nossos dedos até o despertar.

---



---

## O QUE ESCORRE ENTRE OS OLHOS

02 de abril de 2020

Se fosse escolher uma pergunta que percorre todo o meu processo criativo ela seria: que corpo é esse? Sempre que faço essa pergunta surge um vazio imensurável entre mim e o meu corpo, como se deixássemos de ser um para ser dois desconhecidos - todos os dias nos observamos, meus olhos cambaleiam por todos os espaços do meu corpo, percebo as texturas ou os movimentos/gestos aqui; ao olhar no espelho, me vejo fragmentada, presente e ausente em mim, me pergunto se esse rosto que eu vejo é realmente meu, quem poderia confirmar se o espelho não mente?

Mascarar todos os dias uma forma que vai tanto ao desencontro do meu corpo - mas de que corpo é esse que falo? Dedos redondos, olhos castanhos, "todas as manhãs, a mesma presença, a mesma ferida, desenha-se aos meus olhos a inevitável imagem imposta pelo espelho."<sup>8</sup> Eu não poderia me desprender dele sem a inexistência, esse corpo tão fragmentado, onde me perco e encontro. Ausência do 'eu'. Mas, quem seria o 'eu' se não essa própria percepção do meu corpo?

Metamorfo, em que a casa-lugar é esse corpo que por vezes encontra-se perdido sem saber onde ir ou voltar, que não me deixa ver dentro dele, e assim, me perco, ressabiada, pois o espelho me impõe sempre esse reencontro.

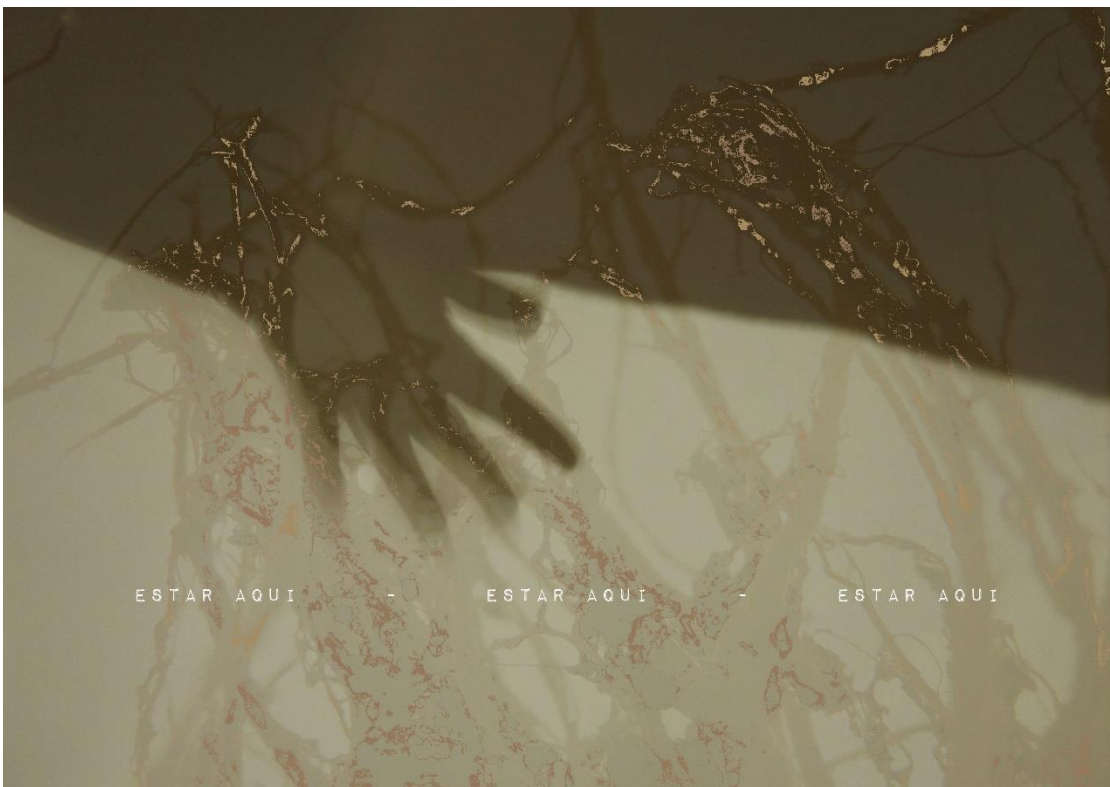
---

---

<sup>8</sup> (FOUCAULT, 2013. p. 7)



Figuras 44 e 45 - Série corpo-raíz, 2020. Fotografia e escrita digital, dimensões variadas.



Fonte: acervo do autor.

### 4.3 O LIVRO DE ARTISTA

Constantemente estamos em contato com um livro, caderno, álbum de fotografias, zines, revistas, entre outros. Como também, já nos debruçamos sobre um livro por intermináveis dias, a cada instante, ansiosos pela página seguinte, seja com o romance, a poesia, o conto, a história em quadrinho, o texto acadêmico, o livro infantil, ou outro gênero.

O conceito por trás do livro é realçado pela escolha dos materiais utilizados, palavras, imagens, sua forma, também conhecida como 'códex', onde em seu conteúdo há a intenção de comunicar alguma história/pensamento/conceito; há uma imensidão de assuntos que podem ser apresentados em uma publicação.

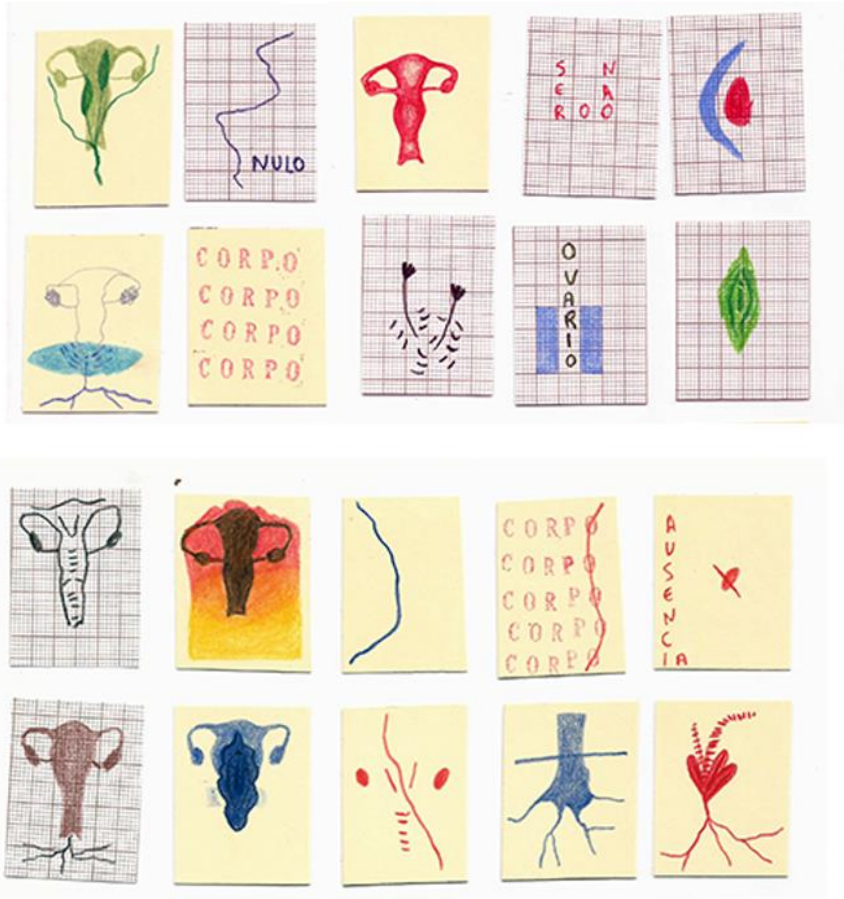
Esses livros conhecidos por livros funcionais, seguem em grande maioria um modelo pré-estabelecido, reproduzindo um padrão. Seu formato segue uma capa, contracapa, folha de rosto e miolo, onde fica seu conteúdo, geralmente toda sua estrutura é feita com papéis. Frequentemente, o livro tradicional é elaborado por uma editora, seja ela industrial ou artesanal - ultimamente muitas editoras artesanais têm surgido, aderindo o conceito de montagem manual em seus processos. Além disso, essas editoras são responsáveis pela diagramação, composição, formato e montagem do livro, em que o texto e imagem estão ali puramente para servir de informação, onde em maioria, as imagens e fotografias ilustram o texto e vice-versa.

Para além desses livros que partilham o formato códice e tradicional, há outros que exploram novas formas, onde a imagem e o texto falam por si só e não, apenas se complementam, em geral, há uma desconstrução dos padrões estabelecidos no livro funcional. Esses livros são os ditos: livro objeto / livro expandido / livro ilustrado / livro-poema / livro conceitual / livro-documento / livro nada, essas são as diversas terminologias que ouvimos para se referenciar a um livro de artista, um nome/conceito que se modifica através do tempo-espaço criado pelo artista.

O livro de artista não só comunica algumas palavras, mas todo seu conteúdo fala por si. Paulo Silveira comenta que ele é uma "obra em forma de livro, inteiramente concebida pelo artista e que não se limita a um trabalho de ilustração." (Silveira, 2001, p.25). Suas inúmeras possibilidades de composição, que vão desde o uso de papéis diversos, à letra utilizada, seu caráter mais tridimensional ou usualmente seguindo um

formato que remete ao livro tradicional, proporciona ao artista uma ampla criação, onde a cada livro torna-se uma porta de entrada para novas experimentações.

**Figuras 46 e 47** - Estudo de um corpo ausente, 2020. Livro de artista, dimensões 5 x 3,5 cm.



Fonte: acervo do autor.

Esses conceitos podem ser observados no livro de artista *estudo de um corpo ausente* feito por mim em 2020, utilizando papéis variados no tamanho de 5 x 3,5 cm, caixa de fósforo e técnicas do desenho com lápis de cor, impressão com carimbo e ilustração digital.

No livro-de-artista, as possibilidades são infinitas, seja pela utilização de técnicas variadas como fotografias, litografia, serigrafia, gravura, ou tudo que possa provocar significados em sua composição; outras formas de encadernação, cortes, costura. Do mesmo modo, que pela pluralidade dos materiais usados em sua feitura, como: chapa de metal, tecido, pregos, espelho, bloco, recortes de revistas, linhas, cadeiras, entre outros, não há limite para experimentação, tudo pode ser imaginado e criado.

Os livros-objeto podem assumir tanto o caráter de obra artística estando em um museu, como pode ser difundido em livrarias, tudo irá depender da proposta que o artista tem para a publicação, do mesmo modo que sua construção pode ser feita artesanalmente, como pode envolver outras pessoas na sua feitura, onde “são geralmente produzidos levando-se em conta a estrutura formal e conceitual específica do livro: a forma livro integra as intenções de produção da obra.” (SOUZA, 2011, p. 39)

Artistas/escritores suscitam na criação do livro-objeto a possibilidade de expandir essas sensações, através de uma experiência sinestésica diante demais sentidos, acarretando um outro tipo de imersão e interação com os trabalhos artísticos. Encontro nas palavras de Panek, o seguinte complemento: “O livro de artista retira a arte do âmbito da preciosidade, da aura, da contemplação e da fruição por restrito e privilegiado público e da exposição em vitrine, para estar nas estantes da livraria ou da biblioteca.” (PANEK, 2005, p. 11) Em vista disso, o livro de artista sustenta-se como uma linguagem da arte contemporânea.

Vários artistas se valem da companhia de seus cadernos de bordo, onde utilizam para fazer anotações, esboços, escritos e fazer rabiscos durante os lugares por onde passam. Acumulados durante os anos, acompanham processos técnicos e poéticos, enquanto diários-registros de seus percursos e derivas. Eles “para além de pensar o livro de artista como um objeto que invade o espaço também é possível retornar e refletir sobre o livro de artista como um diário, em formato tradicional códex, que ainda imprime o gesto de folhear.” (BASCHIROTTO, 2016, p. 108)

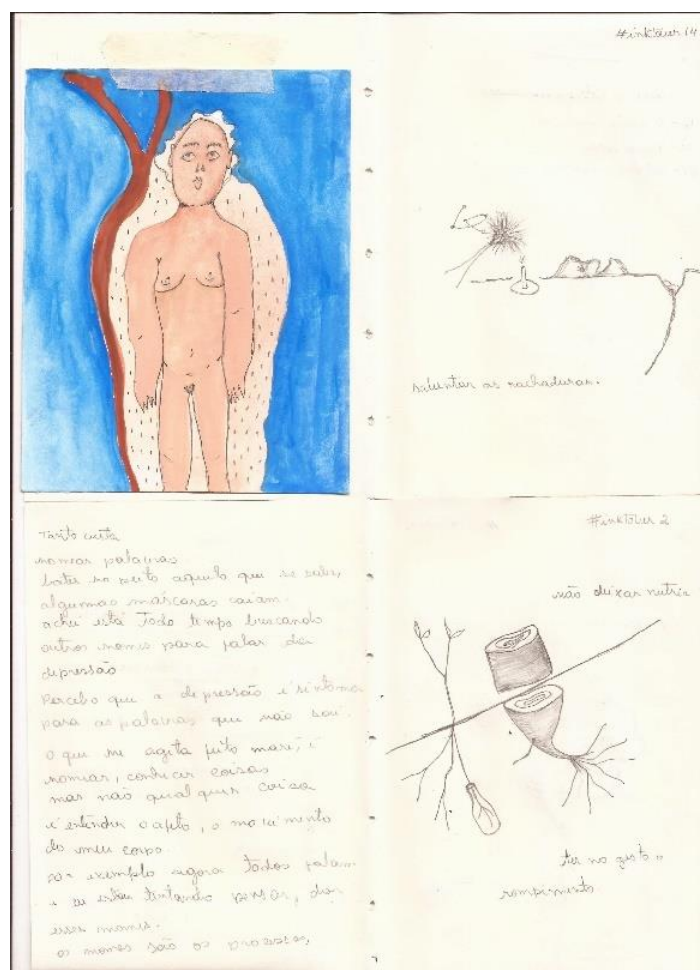
Dispomos como exemplo o diário de Frida Kahlo, onde podemos conhecer intimamente seus pensamentos e sentimentos, tendo nesse diário os vestígios de seu processo-percurso-vida. Prossigo nas palavras de Viviane Baschirotto, que cita esse trecho sobre cadernos de artistas:

E se essa categoria possui dificuldades em sua definição, pode se pensar no diário de Frida Kahlo também como um livro de artista, pois em suas páginas, além de inserir seus relatos pessoais, estão contidos poemas e desenhos da artista. O livro de artista nada mais é do que a produção de um artista, de seus processos criativos tornado livro, ou mesmo quando esses processos, essas palavras ganham o espaço expositivo. (BASCHIROTTO, 2016, p. 110)

Ou seja, um diário que nos apresenta um processo e que se torna obra de arte. Através de suas palavras, conhecemos sua força poética, tanto na escrita como em seus desenhos, tal como um espelho refletindo a artista.

Estes cadernos de bordo estão sempre em minhas mãos, tenho costume de abrigar nestes dispositivos-registro um repositório, onde traço devaneios, desenhos, tudo que julgue importante e no decorrer do tempo vão se acumulando sobre a mesa; exponho aqui páginas destes cadernos com rabiscos e poesias feitos em 2019.

**Figura 48** - Caderno de processos, 2019, dimensões 10,5 X 14,8 cm.



Fonte: acervo do autor.

Por meio da produção de livros de artista, podemos repensar a relação entre a palavra, a imagem e o objeto. Como a ligação entre arte e literatura se entrelaça, despertando novas experiências, novas maneiras de pensar tanto a imagem, quanto o texto.



O início da produção de livros de artista no Brasil teve seu reconhecimento em meados das décadas de 1950/70, através de grupos como Fluxos e os artistas Paulo Bruscky, Júlio Plaza, Lygia Pape, Artur Barrio, Lygia Clark, dentre outros. Eles, através de experimentações, discutiam o texto não meramente como algo funcional, mas também enquanto visual, considerando sua expressão estética, junto com os movimentos da poesia visual.

A poesia concreta teve grande importância como precursora do livro de artista no Brasil, graças às correntes artísticas do concretismo e neoconcretismo que tinham na palavra/poema a criação de uma estética visual, onde as páginas, seus espaços vazios e preenchidos, faziam parte da poesia.

Em paralelo ao movimento de compreensão dos conceitos acerca do que é livro de artista, nomenclaturas, materiais utilizados e artistas que trabalham com a linguagem, prossegui expandindo meus trabalhos artísticos por meio da feitura de livros de artista. Ainda jovem, sempre tive apreço pelos livros e a escolha de seu formato, cores, o tipo de fonte e papéis utilizados, acredito que, através dessa percepção mantive meu desejo em produzir livros.

Em meados de 2018, durante o período da FLICA (Festa Literária Internacional de Cachoeira) em Cachoeira, estava absorta na criação de uma série de desenhos, de onde partiu, meu primeiro livro-postal nomeado *à procura*. Livro composto por 10 postais, que tem como base, ilustrações que surgiram em decorrência do anseio de se encontrar diante ideiação da autoimagem, onde, procurar nada mais é que fazer um mergulho em busca de si, ocupar um lugar de identidade diante nossa existência.

**Figuras 49 e 50** - *À procura*, 2018. Livro-postal, dimensões 14,8 x 10,5 cm.



Fonte: <<https://www.instagram.com/p/BrBRaNWg6IL/>>

Ao inventar na criação intuitiva, no gesto de colocar papéis sobre a mesa, no planejar das páginas, na composição dos textos e imagens, experimento a sensação de um reservatório, onde vou acumulando visualidades, para que em algum momento eu o sinta preenchido e possa compartilhar com alguém; tecer um livro é evocar no objeto, um mundo - apresentar um outro, o meu. Tal como quem escreve um diário, compartilhando em suas folhas, cotidianos, afetos e desassossegos, tudo é registro de percurso.

Em 2019 ministrei a oficina de confecção de livros de artista no Seminário Pensar Conservação Preventiva no Recôncavo Baiano + Labs (Cachoeira). Foi meu primeiro contato com esse universo de aprendizagem coletiva. Nela, propus a seguinte reflexão como disparador para criação: "qual o desassossego do seu corpo?", fazendo com que cada participante buscasse suas próprias experiências do corpo para o desenvolvimento da atividade.

Considero que essa pergunta sempre circunda meus pensamentos, assim como, está presente na produção de *diálogos ausentes*, livro-tecido feito em bordado s/ algodão cru, que por meio de certas sensações de desassossego, expõe sentimentos advindos da ânsia de compreender o lugar do corpo e os espaços-afetivos que ele frequenta, e como, os locais tidos como 'casa' em diversos momentos me movem a memórias de solidão, fuga e solitude.

**Figuras 51 e 52** - Diálogos Ausentes, 2019. Livro-tecido, dimensões 10 x 7,4 cm.



Fonte: <[https://www.instagram.com/p/Bu\\_PyMslVzK/](https://www.instagram.com/p/Bu_PyMslVzK/)>

Em vista disso, observo-me tramando rotas, encontrando no movimento de feitura de livros de artista uma maneira de expandir trabalhos que acabariam permanecendo meramente no campo do desenho ou de uma única linguagem específica; creio que o ampliar a possibilidade de criação utilizando diversos materiais

é algo que estabelece vínculo com a compreensão que tenho do meu trabalho como artista multimídia.

**Figura 53** - Sem título. 2021. Livro de artista, dimensões 21 x 29,7 cm.



Fonte: acervo do autor.



### 4.3.1 carta-grafias de si

No ano de 2020 participei de três oficinas: Experimentações da Escrita com Deisiane Barbosa, Ateliê de criação literária com Simone Barreto e Criação de Livro Ilustrado<sup>9</sup> com Lumina Pirilampus. Julgo que essas oficinas foram fundamentais para o entendimento que levo na prática de criação por meio de livros expandidos, assim como, compreender outras possibilidades; tais experiências aguçam a curiosidade que já era existente, do inventar por meio de registros amontoados, no transpor da palavra que marca a folha, no trajeto de abrir a página e se desprender de seu lugar, para outro, de onde estou, para onde você está.

Crio livros com essa vontade de me conduzir por diversos lugares, abrigando-me em estantes, no dobrar/desdobrar da folha, no movimento de abrir sequencialmente ou no detalhe da cor do papel que realça no sol, na textura leve que toca o dedo, o momento em que o eu desloca em você; é nesse enraizar, que o livro nasce. Dessa maneira surgiu o livro-corpo carta-grafias de si, na tensão de gestos repetidos, de desenhos e palavras que se acumularam durante anos, no assíduo rasgar da pele e esbarrar-se diante seu reflexo acolhendo as imagens de si. Complemento meu pensamento através desse fragmento de escrita de Thais Graciotti (2018), “a potência do desvio está em encontrar saídas para aquilo que sufoca, que engasga, de tudo aquilo que o quer capturar.” (GUARIENTI apud GRACIOTTI, 2018, p. 122)

É no deslocamento afetivo amontoados a memórias, que tramo um arcabouço de imagens que expõe meu trajeto artístico por meio de cadernos-registros, no qual me atento ao fato de acumular nas linhas-palavras, cartas sem destinatários, apenas escritas pela ação do lápis no papel ou dos sons dos dedos sobre o teclado; tal como se assemelha a um diário, um reflexo, apresentando desenhos e escritas pelo exercício de espelhamento de si.

Compreendo então, esse caminho como devir oriundo da criação do *Tumblr*, do hábito gerado pelo assíduo movimento de escrever cartas sobre os desassossegos do meu corpo. Assim como, “o trabalho de criação não passa da perseguição a uma

---

<sup>9</sup> <[https://issuu.com/luminapirilampus/docs/livro\\_coletivo\\_oficial](https://issuu.com/luminapirilampus/docs/livro_coletivo_oficial)>

miragem.” (SALLES, 1998, p. 36) Entendo essa ação contínua de escrever, criar imagens, como uma maneira de tentar responder e expor, nem que seja por breve momento, reflexos do questionamento ‘que corpo é esse?’, buscando encontrar um sentido às emoções que inquietam, imprimem no corpo suas angústias, devaneios e afetos. Assim como, nesta poesia que está presente no livro:

corpo ácido  
 latente  
 borbulhante  
 vazio  
 em que momento  
 me desfiz de mim?  
 (Fernanda Ferreira, 2017)

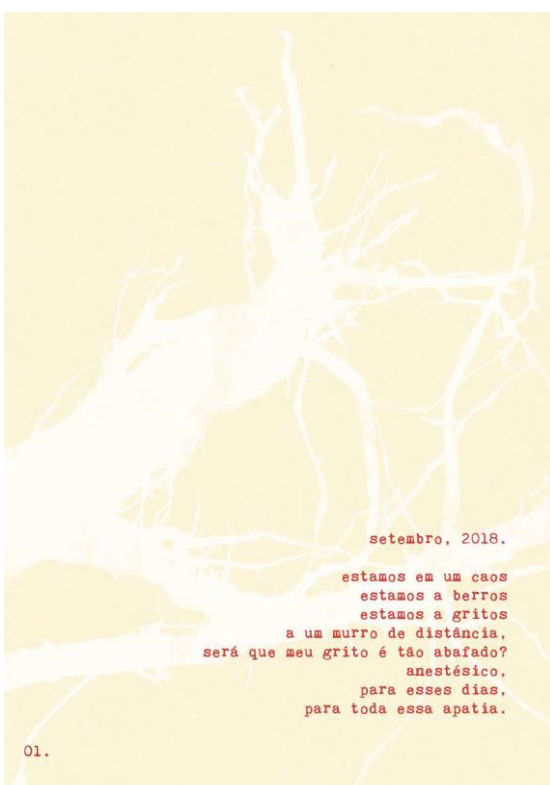
Após todo esse caminho, condenso no livro-objeto-digital *carta-grafias de si*, derivas de todo esse percurso até onde me encontro e a criação das cartas por meio dos desenhos e escritos. Penso o livro como uma coletânea de devires do meu caminho artístico, de um corpo-chão em constante mudança. Por isso não penso nesse livro como um objeto acabado, mas como um processo sempre aberto a novas cartas-desenhos-imagens.

Essas cartas constroem um movimento de mapear afetos, por onde meu corpo se move e quais são as questões que mais o atravessam; esse livro é como um registro do corpo, seus espaços-invisíveis e ausências-presenças. É uma cartografia de sua própria existência.

Em suas páginas traço uma compreensão da 'tessitura do movimento'. A linha, a raiz, o corpo, as palavras; eles são elementos recorrentes que se apresentam como meu próprio reflexo, demonstro-me da forma mais desnuda possível. Elegi o vermelho como elemento fundamental em sua composição, onde, mais do que uma escolha de uma cor, simboliza todo esse fluxo estético decorrente da concepção de suturas e cicatrizes em meu projeto.

Recordo o dia em que criei a primeira cicatriz em um desenho, usando o vermelho, após isso, todas as vezes que utilizei a linha como símbolo, me apropriei da cor – é como se estivesse a todo esse tempo costurando as cicatrizes de meu corpo.

Figuras 54, 55, 56 e 57 - carta-grafias de si, 2021. Livro-objeto-digital, dimensões 21 x 14,8 cm.



Fonte: acervo do autor.

É desse fio que nasce todas as minhas bagagens imagéticas; metáfora para essa marca que está aberta e precisa ser fechada e que, inconscientemente, trago como referência por intervenção de diversos elementos e técnicas, reunindo nas imagens-palavras um meio para reafirmar perante essas cartografias/carta-grafias.

Uso esses fios como forma de penetrar as camadas mais sensíveis, apresentando ao longo do livro, textos, desenhos e poesias como uma ressignificação de si.

**Figuras 58 e 59** - carta-grafias de si, 2021. Livro-objeto-digital, dimensões 21 x 14,8 cm.



Fonte: acervo do autor.

O livro-objeto-digital está dividido em 8 seções, no qual ilustro conceitos operatórios que vim desenvolvendo em meu trajeto artístico e que considero uma repetição, um exercício incompleto, sempre em movimento de chegar o mais perto possível do reflexo que vejo no espelho – do que você vê. Afinal, que corpo é esse?

**Figura 60** - Que corpo é esse? 2020. Ilustração digital. dimensões variadas.



Fonte: acervo do autor.

## 5 ATERRANDO AS IMAGENS-PALAVRAS

Considero o caminho artístico que fui criando ao longo desses anos, como uma relação imbricada entre arte-vida, nele o cotidiano se transforma em arte e a arte me faz repensar a vida.

- Penso esse itinerário como um percurso em aberto para diversas sensações. Desse modo, entrelaço meu processo a um corpo que vai se modificando e adquirindo experiências, é assim que meu movimento imagético se dá. Ele é a raiz, enquanto estiver em fluxo estará por se completar, sempre passível a novas inquietações.

Percebo toda minha produção baseada nessas associações que se dão no sujeito, em como ele é refletido mediante as imagens de si e em como elas vão se formando. Esses conteúdos vão dizer quem é esse indivíduo e ele vai se modificando a cada nova percepção. Que corpo é esse?

Por meio da cartografia vou revelando essas rotas que ele vai estabelecendo, e é justamente nesse ponto que eu entro, sendo um cartógrafo, mapeando os rastros deixados por ele.

Em vista disso, fui encontrando autores que dialogassem com as percepções advindas desse corpo, que é meu, mas que também reflete no seu. Pela memória, essas sensações, que vão sendo disparadoras para minha trajetória artística, vão sendo impressas por meio de palavras e imagens, em que meus pensamentos e vivências vão sendo ressignificados através dos percursos do outro. Ao compartilhá-las, elas vão percorrendo espaços e atravessando outros sujeitos, se comunicando com eles.

Na atual etapa do trajeto criativo, vou compreendendo a importância dos desenhos e escritas de si - e em como esse exercício de espelhamento transforma-se em autoconhecimento, criando novos mundos - e que as marcas aprofundadas sobre a pele, nada mais são, do que elas falando o que você precisa – essa é uma forma de escuta corporal.

Como elemento fundamental, me apropriei da linha, onde vou amarrando os fios soltos e tramando um lugar – seu, meu, um espaço-tempo em que esse corpo-raíz se sinta confortável para fixar suas raízes no chão.

Ao longo da escrita deste texto-memorial e da elaboração do livro-objeto-digital *carta-grafias de si*, fui percebendo a importância de falarmos de nós e dos nossos desassossegos, pois estamos sempre à nossa frente sem nos observar. Em consequência das investigações dessa identidade, não estamos apenas expressando indagações sobre si mesmo, mas também a partir do eu e de suas impressões que também estamos falando do outro.

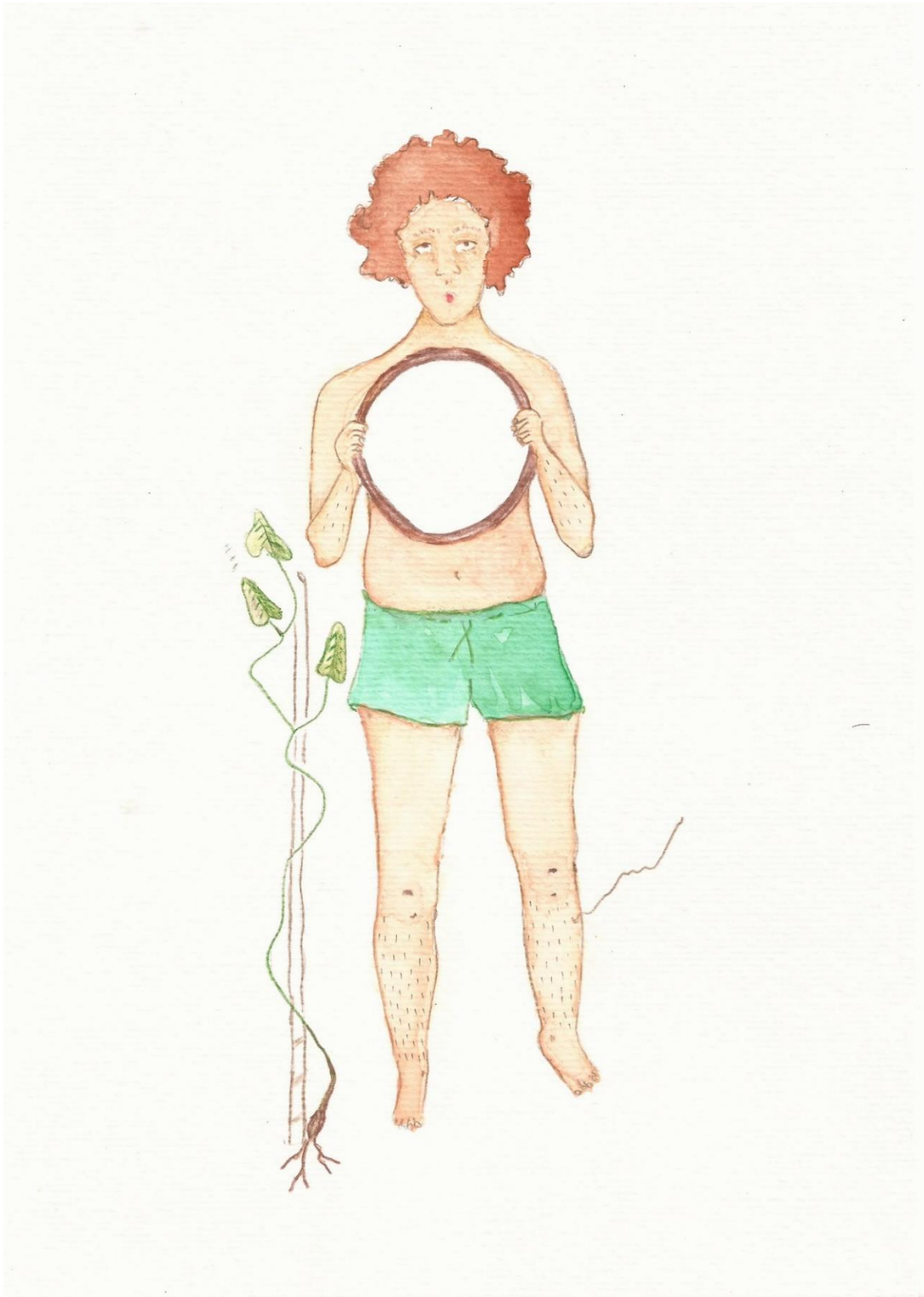
Quais são os limites e cicatrizes impostos em você? Que memórias vão se revelando cotidianamente? O que o seu corpo está te dizendo agora?

Essas são perguntas – devires, sempre suscetíveis a novas respostas. Logo, nessas carta-grafias eu aterro os vestígios visuais e afetivos que me moveram durante o período de 2017 a 2021. Amanhã, já experienciarei um novo corpo e novas marcas surgirão. Quem sabe, por meio dessas palavras, eu te atravesse e a partir de agora seu corpo já seja outro.

Quem é você agora?



**Figura 61** - Sem título, 2019. Aquarela e lápis de cor sobre papel, dimensões 21 x 29,7 cm.



Fonte: acervo do autor.

## REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, Glória. **Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do Terceiro Mundo**. Trad. Édina de Marco. Revista Estudos Feministas, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/16/o/anzaldua.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2021.

ARAUJO, Laura Castro de. **A ação da escrita e a escrita em ação: experiências de performance em literatura**. 2015. 237f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015. Disponível em: Acesso em: 25 abr. 2021.

BARBOSA, Deisiane. **cartas à tereza: confluências entre escritas, imagens e errâncias na cidade**. Cachoeira; Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, 2016. Disponível em: <[https://www2.ufrb.edu.br/artesvisuais/imagens/TCCs\\_-\\_Trabalhos\\_de\\_Conclus%C3%A3o\\_de\\_Curso/TCC\\_2016/TCC\\_DEISIANE\\_PEREIRA\\_DIAS\\_BARBOSA\\_CARTAS\\_A%CC%80\\_TEREZA\\_-\\_CONFLUE%CC%82NCIAS\\_ENTRE\\_ESCRITAS\\_IMAGENS\\_E\\_ERRA%CC%82NCIAS\\_NA\\_CIDADE\\_2016.pdf](https://www2.ufrb.edu.br/artesvisuais/imagens/TCCs_-_Trabalhos_de_Conclus%C3%A3o_de_Curso/TCC_2016/TCC_DEISIANE_PEREIRA_DIAS_BARBOSA_CARTAS_A%CC%80_TEREZA_-_CONFLUE%CC%82NCIAS_ENTRE_ESCRITAS_IMAGENS_E_ERRA%CC%82NCIAS_NA_CIDADE_2016.pdf)>. Acesso em: 12 maio. 2021.

\_\_\_\_\_, Deisiane. **Refugos**. 1. ed. Salvador: Segundo selo, 2019.

BASCHIROTTO, Viviane. **Livro de artista: palavra-imagem-objeto**. Revista-Valise, Porto Alegre, v. 6, n. 11, ano 6, julho de 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUBD-APERKH>>. Acesso em: 12 maio. 2021.

BAUCHWITZ, Sofia Porto. Sair do Mapa, criar o mapa: uma epistemologia errante. **Revista Palíndromo**, v. 12, n. 26, pág. 51-60, janeiro - abr 2020. Disponível em <[https://www.academia.edu/41490588/Sair\\_do\\_Mapa\\_criar\\_o\\_mapa\\_uma\\_epistemologia\\_errante\\_Exiting\\_the\\_map\\_creating\\_the\\_map\\_a\\_erring\\_epistemology\\_Salir\\_del\\_mapa\\_crear\\_el\\_mapa\\_una\\_epistemolog%C3%ADa\\_errante](https://www.academia.edu/41490588/Sair_do_Mapa_criar_o_mapa_uma_epistemologia_errante_Exiting_the_map_creating_the_map_a_erring_epistemology_Salir_del_mapa_crear_el_mapa_una_epistemolog%C3%ADa_errante)>. Acesso em: 20 maio 2021.

CHAUÍ, Marilena. **Espaço, Tempo e Mundo Virtual: A contração do tempo e o espaço do espetáculo**. Palestra em CPFL Cultura - Café Filosófico. Campinas – SP. 10 de setembro de 2010. Disponível em: Acesso em: 15 maio 2020.

COELHO, E.; VILLA, D. Desenho como trajeto. **Cartografias do cotidiano**. 1º Edição. Londrina: UEL, 2011.

COLOMBO, Malu. **Corpo, memória e cicatriz na arte contemporânea**. Universidade do Extremo Sul Catarinense. Criciúma, 2015.

COSTA, Luciano Bedin. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. **Revista Digital do LAV - Santa Maria** - vol. 7, n.2, p. 66-77 - mai./ago.2014 Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/106583>. Acesso em: 20 maio 2021.

EDWARDS, Betty. **Desenhando com o lado direito do cérebro**. 4. ed. Ediouro, 2003.

FLORIANI, Flávia; MARCANTE, Márgara; BRAGGIO, Laércio. **Auto-Estima e Autoimagem: A relação com a estética**. 2010. Disponível em: < <http://siaibib01.univali.br/pdf/Flavia%20Monique%20Floriani,%20M%C3%A1rgara%20Dayana%20da%20Silva%20Marcante.pdf> >. Acesso em: 20 maio 2021.

FOUCAULT, Michel. **A escrita de si**. In: O que é um autor? Lisboa: Passagens. 1992. pp. 129-160. Disponível em: < <https://casadhiphopdeportofeliz.files.wordpress.com/2015/10/foucault-michel-a-escrita-de-si.pdf> > Acesso em: 05 jan. 2021.

\_\_\_\_\_, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias / *Le corps utopique, Les hétérotopies***. São Paulo: n-1 ed. 2013.

GARCIA, Wilton. **Corpo, Mídia e Representação**. Estudos Contemporâneos. São Paulo: Thomson, 2005.

GRACIOTTI, Thais Pontes. **Viagem a um arquipélago possível: o artista viajante em processo**. Rio de Janeiro: UERJ. 2018. Disponível em: < <https://www.ppgartes.uerj.br/dissentes/dissertacoes/2018DoutThaisGraciottiPontes.pdf> >. Acesso em: 12 maio. 2021.

LISPECTOR, Clarice. **Onde estivestes de noite**. Rio de Janeiro; 1. ed. Rocco, 1999.

KAHLO, Frida. Disponível em: < <https://www.pensador.com/frase/MTU1NDg5NA/> >. Acesso em: 20 maio 2021.

ORUBAPO, Frida. Disponível em: < <https://amlatina.contemporaryand.com/pt/editorial/understanding-the-self-through-depictions-of-the-black-female-body/> >. Acesso em: 12 maio. 2021.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1993. 6. ed. 1997.

PANADÉS, Julia Gomes. **Desenho corpo porque vivo**. Belo Horizonte: UFMG, 2007. Disponível em: < <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/JSSS-7XGFV7> >. Acesso em: 20 maio 2021.

PANEK, Bernadette. **O livro de artista e o espaço da arte**. Anais IV Fórum de Pesquisa Científica em Arte. Curitiba: editora Elisabeth Seraphim Prosser, outubro de 2005. Disponível em: < [http://www.embap.pr.gov.br/arquivos/File/anais3/bernadette\\_paneke.pdf](http://www.embap.pr.gov.br/arquivos/File/anais3/bernadette_paneke.pdf) >. Acesso em: 12 maio. 2021.

PRECIOSA, Rosane. **Rumores discretos da subjetividade**. 1. ed. Sulina, 2010.

RANGEL, Sônia. **Trajeto criativo**. Lauro de Freitas, BA: Solisluna Editora, 2015.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulinas/UFRGS; 2006.

SÁ, Teresa. **Lugares e não lugares em Marc Augé**. Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 26, n. 2. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ts/v26n2/v26n2a12>>. Acesso em: 20 maio 2021.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado: processo de criação artística**. São Paulo: FAPESP: Annablume, 1998.

SILVA, Fernando Machado. **A EXPERIÊNCIA NA CONSTRUÇÃO DE UM CORPO ARTÍSTICO: uma leitura a partir de Derrida e Deleuze**. Rev. Filos., Aurora, Curitiba, v. 20, n. 27, p. 385-411, jul./dez. 2008. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/aurora/article/viewFile/1807/1711>>. Acesso em: 25 abr. 2021.

SILVEIRA, P. Definições e indefinições do livro de artista. In: **A página violada: da ternura à injúria na construção do livro de artista**. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008, pp. 25-71. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/2pwn4/pdf/silveira-9788538603900-03.pdf>>. Acesso em: 12 maio. 2021.

SOUZA, Márcia Regina Pereira. **O livro de artista como lugar tátil**. Florianópolis: Editora da UDESC, 2011. Disponível em: <[http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=178244](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=178244)>. Acesso em: 12 maio. 2021.